



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

BRÍGIDA SALES MOREIRA NETA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA PRÁTICA NECESSÁRIA

BARBALHA
2012

BRÍGIDA SALES MOREIRA NETA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA PRÁTICA NECESSÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Coordenação do Curso de
Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação
Infantil da Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica
Petalanda de Hollanda.

**BARBALHA
2012**

BRIGIDA SALES MOREIRA NETA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
UMA PRÁTICA NECESSÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Coordenação do Curso de
Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação
Infantil da Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Petralanda
de Hollanda

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Mônica Petralanda de Hollanda (Orientadora)
Orientadora – Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Ms. Elaine Cristina Forte Ferreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ms. Ticiania Santiago de Sá
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, pela certeza de que eras Tu quem me conduziás e que me conduzes por todos os caminhos;

Às minhas filhas Juliana e Geovana e ao meu esposo Lânio, fiéis companheiros, que com paciência compreenderam minhas faltas e ausências;

Aos meus pais, a quem honro pela força, pelo exemplo de vida e pela dedicação aos estudos dos filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho Nele;

Aos meus pais Antônio e Vanir, ao meu esposo Lânio, as minhas amadas filhas Juliana e Geovana que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu conseguisse concluir essa etapa da minha vida;

À Professora Dra. Mônica Petralanda de Hollanda que com sua sabedoria e educação, orientou-me, sendo sensível às diversas situações e percalços.

Às professoras que participaram desta pesquisa e que concederam informações valiosas para a realização deste trabalho.

“As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada.”

(MÁRIO QUITANA)

RESUMO

A contação de histórias infantis pode promover o desenvolvimento das crianças pequenas e sua formação como leitora quando utilizada de forma apropriada pelo professor no seu trabalho pedagógico cotidiano na Educação Infantil. Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar o uso da contação de histórias no trabalho pedagógico do professor e suas implicações para o desenvolvimento das crianças como leitoras. Os objetivos específicos se constituem em compreender as contribuições da contação de história como instrumento propiciador do desenvolvimento infantil e da formação da criança como leitora; refletir sobre como a contação de histórias deve ser trabalhada pelo professor nas instituições de Educação Infantil e identificar como a contação de histórias vem sendo utilizada pelos professores no contexto de uma pré-escola pública do município de Tauá. Teve como embasamento teórico a perspectiva sociointeracionista alicerçada nas contribuições teóricas de Vygotsky(1998, 2001), e de outros pesquisadores e estudiosos sobre o tema, como Abramovich(1997), Coelho(2001), Lajolo e Zilbermann (2002). Foi também desenvolvida uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a coordenadora pedagógica e duas professoras de uma pré-escola pública do município de Tauá. Os resultados evidenciam que a utilização da contação de histórias no trabalho pedagógico efetuado com crianças pequenas é importante. Pois contribui para o seu desenvolvimento como leitoras. E além disso as crianças se interessam e se envolvem quando se trabalham como recurso a contação de histórias.

Palavras-chave: Educação Infantil. Papel do Professor. Contação de histórias.

ABSTRACT

The quote for children's story can promote the development of small children and their training as lecturer when used appropriately by the professor in his pedagogical work daily in Early Childhood Education. This research aims at analyzing the use of quote for stories in pedagogical work of professor and its implications for the development of children as readers. The specific objectives are to understand the contributions of where history as an instrument propitiator of child development and training of the child as lecturer; reflect on how the quote for stories should be worked by professor in institutions for children's education and identify how the quote for stories has been used by teachers in the context of a pre-public school in the municipality of Tauá. Had as theoretical foundation to social interactionist perspective grounded in theoretical contributions of Vygotsky(1998, 2001), and other researchers and scholars on the topic, as Abramovich(1997), Rabbit(2001), and Lajolo Zilbermann (2002). It has also developed a field research, qualitative, where semi-structured interviews with the pedagogical coordinator and the teachers of a pre-public school in the municipality of Tauá. The results show that the use of quote for stories in pedagogical work performed with small children is important. Has significant value for their development as readers. That children are interested and if they involve when working having as a resource to quote for stories.

Keywords: Early Childhood Education. Role of the Teacher. Quote for stories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUAS REPERCUSSÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	16
2.1 Os contos de fadas e suas implicações para o desenvolvimento socioemocional das crianças no contar histórias.....	18
2.2. Algumas pesquisas acadêmicas sobre a contação de histórias e suas repercussões para a formação de leitores na Educação Infantil.....	23
3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR.....	27
3.1 Contar e recontar histórias.....	29
3.1.1 A escolha da história – que história contar?.....	31
3.2 O papel do professor na contação de histórias.....	35
3.3 Leitura e contação de histórias.....	41
4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CONTEXTO INSTITUCIONAL PESQUISADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.....	44
4.1 Opções teóricas e metodológicas da pesquisa.....	44
4.2 Descrição da instituição investigada.....	47
4.3.A contação de histórias na visão das professoras e da coordenadora pedagógica.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6 BIBLIOGRAFIA.....	61
ANEXOS.....	65
ANEXO 01 – QUESTIONÁRIO.....	66
ANEXO 02 – ROTINA DA INSTITUIÇÃO.....	75
ANEXO 03 – FOTOS DA BIBLIOTECA E DOS CANTINHOS DE LEITURA.....	77
ANEXO 04 – DECLARAÇÃO DO REVISOR DE TEXTO.....	78
APÊNDICES.....	79
APÊNDICE 01 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS.....	80
APÊNDICE 02-ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA.....	81

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho debruça-se sobre a contação de histórias na Educação Infantil. O interesse pelo tema surgiu quando desde criança tive a oportunidade de estar envolto nos contos infantis, primeiro através da minha mãe e da minha avó. Estas sempre me contavam histórias, proporcionando momentos inesquecíveis de viagem ao mundo da fantasia. O tempo passou. Tornei-me professora da Educação Infantil e o desejo de entender como a contação de histórias pode influenciar no desenvolvimento infantil foi o que me incentivou a estudar esse tema. Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos gostam de ouvir histórias, a criança é capaz de gostar e de se interessar ainda mais por ela, porque em determinada fase do seu desenvolvimento sua capacidade de imaginar é mais intensa.

Quando a criança ouve ou lê uma história ela é capaz de comentar, duvidar, indagar, falar sobre ela, enfim, interagir e construir uma interpretação sobre esta. A contação de histórias deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciênciacrítica-reflexivada criança, para a expansão da sua capacidade de interpretação e seu interesse de analisar o mundo ao seu redor. É necessário que aconteça esse despertar, pois a mesma vai iniciar o homem no mundo literário. Infantilizar as crianças não constrói cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais justa e democrática.

O ato de ouvir e contar histórias está quase sempre presente em nossas vidas. Todos temos necessidades de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa nossa necessidade surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através dessa prática, compartilhar. A partir dessa prática, de ouvir e contar histórias é que surge a nossa relação com a leitura e a literatura. Portanto, quanto mais acentuarmos no trabalho pedagógico da Educação Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro e na leitura, uma fonte de descobertas e de divertimento. Quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela tornar-se uma leitora e produtora de textos.

Na concepção sociointeracionista, a criança aprende através da interação com o meio, em se tratando de literatura e leitura, isso acontece por meio das interações que ocorrem entre as crianças, e entre elas e os adultos. Assim, somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas, desde cedo, um

contato agradável e frequente com o livro e com o ato de ouvir e contar histórias. Dessa forma, tornar o livro parte integrante do dia a dia das nossas crianças é o primeiro passo para iniciarmos o processo de sua formação como leitores que leiam, com fluência e frequência, mas também por prazer e por desejo próprio.

Houaiss (2009) em seu dicionário epistemológico apresenta as seguintes definições sobre os termos formar, leitor e leitura. **Formar**, lat. Formo, as,ávi, atum ‘dar forma, formar, conformar; arranjar, organizar, regular; modelar, instruir; dar certa disposição ao espírito; confeccionar; (fig.) criar, produzir’. **Leitor**, lat. Lector, óris ‘o que ler’, **Leitura**, lat.medv. lectura, do rad. do supn. do v. legére ‘reunir’, ação ou efeito de ler, ato de apreender o conteúdo de um texto escrito, ato de ler em voz alta, hábito de ler, maneira de compreender, de interpretar um texto, um acontecimento, uma mensagem.

Dessa forma, podemos entender que, na nossa tradição simbólica, formar leitores é conduzir as pessoas, organizando situações para que sejam capazes de ver, compreender, aprender o que foi articulado pelo outro. Coelho (2000) apresenta as vantagens de se realizar leituras, especialmente, usando os textos literários, pois, estes “estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro [...]”. (COELHO, 2000, p.16).

Sobre a interação entre o sujeito (leitor) e o objeto (texto) oportunizada pela realização da leitura, Foucambert (1994) pondera:

[...] ler é questionar o mundo e ser por ele questionado; é questionar-se a si mesmo. Ler significa também construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é; significa, também, ter condições de questionar o texto escrito e de construir um juízo sobre ele. (FOUCAMBERT, 1994, p.5).

O leitor pode mergulhar na obra e emergir a partir dela, quando realiza uma leitura. Quando esta o incita a questionar e a interagir. Pode então construir uma nova visão de mundo. Quando o leitor realiza esse tipo de leitura, é levado a pensar, interrogar e interpretar sobre o que o texto está lhe dizendo.

No contexto de creches e pré-escolas, a contação de histórias é um dos recursos que o professor tem disponível para fazer com que suas crianças mergulhem no mundo da leitura. Quando isso acontece, estas poderão experienciar novos saberes, pois as experiências vividas pelo leitor não se encerram quando a história termina. Elas ficam lá “volteando pelos meandros do ser humano.” (SISTO,2005,p.70).

A criança passa a adquirir novos saberes quando entra em contato com outros, é um movimento cíclico na apropriação de conhecimentos, pois esses nascem e se renovam a cada instante. Abramovich (1997, p.17) revela sua posição em relação à leitura;

Esta acontece por meio da contação, indicando que permite ao aluno sentir emoções importantes através dos personagens, conhecer e descobrir novos lugares, outros tempos. Pois a contação conduz os ouvintes, a fazerem uma leitura por meio da escuta, pensando e vendo com os olhos da imaginação.

Assim, contar histórias para as crianças, deixando que elas se apropriem destas histórias, vivam e as revivam em seus próprios recontos parece contribuir para que elas se transformem em bons leitores. Nas mais diversas formas de literatura e de contação de histórias, as pessoas têm a oportunidade de ampliar, de transformar, e de enriquecer sua própria experiência de vida. Assim, essas apresentam-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias. As obras infantis que abordam questões do nosso tempo e problemas universais, inerentes ao ser humano são uma das melhores sugestões para investir na relação entre a interpretação do texto literário e a realidade.

Nessa perspectiva, este trabalho propõe-se a investigar as seguintes questões de pesquisa:

- Como a contação de histórias pode contribuir com o desenvolvimento da criança pequena e na sua formação como leitora?
- Como a contação de histórias deve ser utilizada pelo professor em suas experiências pedagógicas cotidianas em creches e pré-escolas?

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o uso da contação de histórias no trabalho pedagógico do professor e suas implicações para o desenvolvimento das crianças como leitoras. Visou especificamente compreender as contribuições da contação de história como instrumento propiciador do desenvolvimento infantil e da formação da criança como leitora; refletir sobre como a contação de histórias deve ser trabalhada pelo professor nas instituições de Educação Infantil e identificar como a contação de histórias vem sendo utilizada pelos professores no contexto de uma pré-escola pública do município de Tauá.

Este trabalho foi efetuado a partir de uma pesquisa bibliográfica, alicerçada nas contribuições teóricas de Vygotsky(1998, 2001), e de outros pesquisadores e estudiosos sobre o tema, como Abramovich(1997), Coelho(2001), Lajolo e Zilbermann (2002).

As teorias sociointeracionistas concebem o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, nem receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com seu corpo, com o ambiente, interagindo com outras crianças e adultos, as crianças vão aprendendo e desenvolvendo a sua linguagem, o seu pensamento.

Toda criança tem necessidade de expressar-se, de colocar para fora as fantasias de seu mundo interior e, quando ela ouve uma história, ela vive isso, recontando-a, colocando-se como centro de ação, criando fatos novos, tomando posse de sua realidade. Ao participar da história contada a criança passa a se tornar um elemento ativo e que questiona a ação relatada. Quando ouve uma história, a criança tem informação, imagina situações, tem a oportunidade de desenvolver sua capacidade criadora, porque as histórias permitem o uso da fantasia, da imaginação, que na faixa de idade em que ela se encontra são predominantes.

Abramovich(1997, p. 17) afirma que:

É ouvindo histórias que se pode sentir(também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, o bem-estar, o medo, a alegria, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar[...], pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Há quem conte histórias para transmitir conhecimentos, disciplinar, enfatizar mensagens, como uma espécie de chantagem: “-Se ficarem quietos, conto uma história.” Quando o que funciona é o inverso. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças, se elas as escutam desde pequenas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas.

Para Coelho (2001, p. 12):

A história é importante alimento de imaginação. Permite a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstâncias de vida.

Para uma melhor compreensão sobre o tema foi desenvolvida uma pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa, em uma pré-escola pública do município de Tauá. Nesse tipo de abordagem de pesquisa de campo, esta se realiza com o estudo do fato social situado

em seu contexto natural, ou seja, em seu campo, sem nenhuma alteração imposta pelo pesquisador. (FACHIN,2006).

O critério de escolha da instituição investigada foi a de ser pública e apresentar maior aceitação para a realização da pesquisa. A pesquisa de campo foi efetuada através de um questionário aplicado à diretora da instituição, tendo em vista o conhecimento da infraestrutura física da escola, sua proposta pedagógica, a seleção e o acompanhamento docente, a relação entre a instituição e a família das crianças atendidas, dentre outros aspectos.

Foram também realizadas entrevistas semi-estruturadas com a coordenadora pedagógica e duas professoras da Educação Infantil (uma da sala de 4 anos e outra da sala de 5 anos) onde se procurou discorrer livremente sobre o que se estava questionando. Essas entrevistas foram efetuadas no intuito de compreender as concepções dessas profissionais sobre a relevância da contação de histórias e suas implicações para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil e como as professoras utilizavam esse recurso em sua prática pedagógica.

Os encontros duraram em média 30 minutos e foram realizados na própria instituição, num local sugerido pela coordenação onde não haveria muita possibilidade de interferência externa. Para tanto, foi garantido o sigilo das informações obtidas através do anonimato das participantes da pesquisa, que consentiram que suas opiniões fossem expressas neste trabalho.

Este trabalho encontra-se organizado da forma seguinte: no capítulo 1 que é a introdução apresentamos nossa justificativa de escolha deste tema, elencamos os objetivos e como realizamos nosso trabalho. No capítulo 2- A contação de história e suas repercussões para o desenvolvimento infantil, trazemos a importância da vivência narrativa e suas contribuições para o desenvolvimento infantil. Neste capítulo, encontram-se dois sub-itens à saber: 2.1 Os contos de fadas e suas implicações para o desenvolvimento socioemocional das crianças no contar histórias, onde observamos a riqueza dos contos de fadas como fonte de estudos e sua essencialidade para a formação da personalidade infantil. No sub-item 2.2- Algumas pesquisas acadêmicas sobre a contação de histórias e suas repercussões para a formação de leitores na Educação Infantil, apresentamos pesquisas acadêmicas que evidenciam a importância da contação de histórias para o desenvolvimento infantil.

No capítulo 3- Contação de histórias no cotidiano da educação infantil: reflexões sobre o papel do professor, discutimos como a contação de histórias deve ser trabalhada no dia a dia de creches e pré-escolas e trazemos reflexões sobre o importante papel do professor

enquanto mediador do desenvolvimento da criança pequena, como também da sua formação como leitora. Contar e recontar histórias e a escolha da história, que história contar? São sub-ítemos que fazem parte deste capítulo. No item 3.2- O papel do professor na contação de histórias, destacamos a participação do professor e sua interação com as crianças, fatores essenciais para que aconteça o aprendizado e o desenvolvimento infantil. No item 3.3-Leitura e contação de histórias, identificamos características das atividades de contar e de ler histórias.

No capítulo 4-A contação de histórias no contexto institucional pesquisado: relato de uma experiência, explicitamos os caminhos da pesquisa realizada, as opções teóricas e metodológicas, descrevemos o contexto da instituição onde se efetuou a investigação. Revelamos também as percepções das professoras e da coordenadora pedagógica acerca da contação de histórias. Por fim, temos as considerações finais. Segue-se a literatura consultada na construção deste trabalho, bem como quatro anexos e dois apêndices os quais complementamos o todo da pesquisa delineado no presente trabalho de conclusão de curso.

2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUAS REPERCUSSÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

“O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida a fora.” (BAMBERGER)

As histórias despertam o imaginário e as emoções das crianças, bem como participam da formação de sua personalidade, quando ela reelabora sua história pessoal. Através das histórias elas descobrem outros lugares, saberes e outras maneiras de ser e de agir. Nos momentos de contação é estabelecido um elo entre criança e história; há um envolvimento emocional, ou por meio da identificação com os personagens ou por meio da projeção da criança dentro da narrativa. Trata-se de um envolvimento de natureza intelectual, emocional e imaginativo construído pelas possibilidades trazidas pela história: situações de prazer, raiva, conflito, medo, alegria, etc. Viver temporariamente essas possibilidades através das histórias possibilita a ampliação das experiências das crianças.

É preciso garantir a riqueza da vivência narrativa para que ela contribua com o desenvolvimento do pensamento lógico das crianças e também com sua imaginação, que segundo Vygotsky (2001) andam juntos, estando a imaginação vinculada ao pensamento realista. Esse distanciamento da realidade imediata através de uma história, por exemplo, é necessário para uma penetração mais profunda na própria realidade. A criança, ao nascer, inserida nesse universo da narrativa, vai tecendo os fios da história da cultura aos fios de sua própria experiência, o que contribui para o seu desenvolvimento.

Entendemos que o ser humano não é passivo às estimulações do meio. As estimulações vão gerando informações e vão sendo transformadas por ele que, ao mesmo tempo, redireciona seu olhar para as coisas do mundo. As histórias ouvidas na infância vão se constituindo em pequenos acervos e influenciando a posição que a criança assume diante da vida, principalmente, diante de novas aprendizagens, as quais vai construindo. Ouvir história e também narrar constitui um momento de satisfação e envolve a criança no ato de pensar e imaginar, coloca-a no lugar da criatividade, da construção de conhecimento, da interlocução, da interação social.

A contação propicia a entrada no universo da história e o confronto com o seu próprio universo; permite trazer elementos da história que fazem sentido para ela. Vai sendo construída uma rede de significados, bem como a formação de atitudes mais elaboradas de

compreensão da realidade. Assim, a criança é concebida como autora do seu próprio desenvolvimento e a professora, como facilitadora desse processo. A criança é curiosa, e é isso que a torna receptiva a aprendizagens, fortalecendo-a nas suas possibilidades criativas.

A contação de histórias desperta a curiosidade sobre os assuntos das histórias, contribui para a organização das ideias e do pensamento, pois estas usam a fala como meio de expressão, possibilitando maior domínio da linguagem oral e escrita, a busca de soluções para dificuldades, desenvolvendo e ampliando a atenção da criança. Ouvir histórias estimula a criança a cantar, a escrever, a ouvir novamente.

A contação de histórias é um instrumento fundamental para a formação da criança enquanto leitora, porque permite que a criança desenvolva um esquema de texto narrativo, isto auxilia a criança a lembrar-se das histórias que ouviu e mesmo criar novas histórias, permite o contato com a linguagem escrita padrão, além de ampliar o vocabulário das crianças, porque muitas vezes existem nos livros palavras que não conhecem.

O contato com essa linguagem estimula o desenvolvimento de estratégias de processamento da linguagem. A linguagem escrita é constituída por um sistema de signos. Gradualmente, a linguagem falada dá lugar à linguagem escrita, porém o domínio desse sistema não pode ser alcançado de forma mecânica e externa, pois está em jogo o processo de desenvolvimento de funções psicológicas superiores de uma criança.

Para Vygotsky (2001, p.79):

A leitura e a escrita devem ser algo de que a criança necessite. A escrita, deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como hábito de mãos e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem.

Os professores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem para outro, no papel de mediador, acompanhando todo esse processo. O que ele deve fazer é mediar a aprendizagem das crianças acerca da linguagem escrita, e não apenas a escrita de letras.

Os contos de fadas são importantes recursos para o professor na contação de histórias podendo trazer influência para a formação da criança. Podemos observar no subtópico a seguir implicações dos contos de fadas para o desenvolvimento socioemocional das crianças.

2.1 Os contos de fadas e suas implicações para o desenvolvimento socioemocional das crianças no contar histórias

Para Bussatto (2003), ao narrar um conto se concede ao ouvinte a possibilidade de criar a cena, com elementos, cores e músicas. O conto de tradição oral seja ele conto de fada, mito, lenda ou fábula, encanta por alimentar o imaginário, fazendo ponte com o mundo interior.

Numa perspectiva psicanalítica, a Literatura Infantil, principalmente os contos de fadas podem ser fundamentais para a formação da criança em relação à construção da noção de si mesma e do mundo à sua volta. Os contos de fadas estão envolvidos num universo que revela a fantasia, lidando com emoções que qualquer criança já viveu, pois se passa num lugar que é esboçado fora dos limites do espaço e do tempo, mas onde qualquer um pode caminhar. Onde as personagens são simples e colocadas em diversas situações e têm que buscar e encontrar uma resposta para o conflito. Todo esse processo é vivido através da fantasia, com intervenção de entidades fantásticas (fadas, duendes, plantas sábias, animais falantes, bruxas, etc.).

Segundo Bernardo (apud ARCURI 2004, p.121) “toda vez que a pessoa se abre ao inusitado, dá asas à imaginação e ao seu poder de criar, ela permite ser transformada em seu autoconhecimento e em seu crescimento.” Quando a criança começa a andar, a explorar o mundo que se estende à sua volta, ela se depara com alguns problemas complexos, que é a formação de sua identidade. Quando a criança se olha no espelho, vê alguém semelhante a si mesma, segundo Bettelheim (1992, p.177), “uma figura que está colocada atrás do vidro do espelho. Ela tenta descobrir quem a está olhando, procura entender se a outra criança é como ela; fazendo as mesmas coisas. Está travado o primeiro dilema de sua identidade”. Para o autor nascem outras dúvidas referentes à vida, às pessoas e aos animais, sobre a bondade, a justiça. Essas questões deixam a criança confusa e os contos de fadas oferecem respostas, pois podem tornar consciência dessas questões ao acompanhar a narrativa do adulto.

Historicamente o conto atuava como forma de transmissão de ensinamentos de valores morais e éticos, como concepção de mundo na tradição oral dos povos. Uma espécie de legado que passava de pai para filho. Havia nitidamente uma ação de ordem educativa e consciente, e ao lado desta uma necessidade básica de sonho e de fantasia a que os contos de fadas correspondiam. Ainda hoje, é fácil reconhecer um conto de fadas, em suas histórias os

animais falam, as fadas realizam desejos, as rainhas muitas vezes, transmitem maldades. Os personagens têm nomes de fácil memorização. Fatos que tornam a narrativa de fácil oralidade.

Segundo Machado (apud BENCINI, 2005), além da riqueza literária que representam os contos de fadas, eles são essenciais para a formação da personalidade infantil, pois as crianças experimentam sentimentos negativos no decorrer do seu crescimento e com a ajuda dessa magia, aumentam seu repertório sobre o mundo e ampliam a força das suas emoções, enquanto internalizam as normas sociais.

Por serem tão ricos, os contos de fadas têm sido fonte de estudo para psicólogos, psicanalistas, sociólogos, cada qual dando sua interpretação e se aprofundando no seu eixo de interesse. Um de seus estudiosos mais importantes e fecundos, Bruno Bettelheim, citado por Abramovich (1997), alerta que:

Explicar para uma criança por que um conto de fada é tão cativante para ela, destrói acima de tudo, o encantamento da história [...] As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil.

Assim, por se ter entendido ou resolvido problemas pessoais por conta, e não por eles terem sido explicados por outros, se cresce encontrando sentido e segurança na própria vida. É fundamental que se respeite os elementos do conto, suas facetas de crueldade, angústias, pois essa é uma maneira de se considerar a integridade dos contos, pois é inadmissível que o contador, o professor ou os pais tentem adocicá-lo retirando de sua essência os conflitos tão necessários.

Essa autora classifica como os contos revelam sentimentos e como as personagens conseguem resolver situações e conflitos vividos pelas mesmas.

↳ **Os contos de fadas falam de medos** – A exemplo de um dos contos de Grimm, “O homem que saiu em busca do medo”, a história de um rapaz que queria aprender a se arrepiar e se submeteu a mil tentativas das mais tenebrosas... e descobriu que só sentia arrepios quando lhe faziam cócegas. Revela que o que pode provocar o medo é diferente para cada pessoa. Pois medos – os mais variados - estão presentes no cotidiano de todos. O medo de injeção, de escuro, de lobisomem, de dentista, os quais todos convivem, de uma forma ou de outra e que se aprende a enfrentar, a superar, a substituir, com os quais se aprende a conviver ou a lidar.

- ↳ **Os contos falam de amor** – quanto esses contos de fadas nos revelam sobre o amor em todas as suas dimensões, sofrimentos, possibilidades, início e término! Toma-se como exemplo um dos contos de Andersen “O Soldadinho de Chumbo” que conta a história de um soldadinho de brinquedo que se apaixona por uma delicada bailarina (esses, junto com outros brinquedos vivem num cômodo da casa) e depois de passar por muitas aventuras perigosas o soldadinho é jogado na lareira e se derrete olhando para a bailarina que pula para dentro da fogueira. O soldadinho ganha forma de um coração de chumbo e da bailarina resta uma lantejoula queimada como carvão.
- ↳ **Os contos falam de carências** – Como em “a menina dos fósforos”, narrada por Andersen. Numa terrível e gelada noite de ano novo europeu, tremendo de frio, faminta, vendo a comida, as árvores de natal, em todas as casas e lojas que vai passando, a menina só tem nas mãos uma caixa de fósforos para vender. E querendo ver melhor, se aquecer mais, vai acendendo um a um seus fósforos, a cada chama ela imagina coisas maravilhosas, por fim recebe o abraço da avó- morta – que a leva para junto de Deus. Faz refletir a respeito das crianças que vendem seus objetos nas esquinas, querendo também comida, proteção, agasalho, querendo ser acolhidas com carinho, amor e respeito.
- ↳ **Os contos falam de descobertas** – Da descoberta da própria identidade fundamental para o desenvolvimento. Andersen, em o “Patinho Feio” conta a história de um patinho que desde o nascimento foi maltratado por ser feio e rejeitado pela família, foge e continua sendo martirizado por todos que encontra em sua caminhada. Finalmente se aproxima de belos cisnes que o reconhecem como um dos seus e o elegem o mais belo entre eles! A questão é descobrir quem se é, perceber o quanto se pode, saber com quem contar e o quanto se deseja (seja o que for) colocar em campo e lutar contra o adversário (e sempre por uma justa causa... conforme valores, percepção, noção de justiça ou injustiça, etc.) (ABRAMOVICH, 1997).
- ↳ **Os contos falam (e como) da dificuldade de ser criança** – A narrativa pelo escocês James Barrie, em 1904, “Peter Pan” continua encantando corações de todo o mundo. Conta a história de um menino corajoso, que sabe voar e toma conta de si e de outros meninos perdidos da Terra do Nunca. Ele fugiu de casa quando descobriu que cresceria e se tornaria um adulto. Passou a viver em companhia das fadas. Para

continuar sendo criança, ele sabe que é necessário acreditar na existência das fadas e não permitir que elas morram. Como é necessário acreditar no Papai Noel, nos três desejos que podem ser concretizados pela lâmpada de Aladim. Aliás, pelo sim, pelo não, adultos andam com seus amuletos, com fitas de desejos e de pedidos ou realizam rituais para que nada de mal aconteça à sua vida, à sua casa. Pode-se encontrar muitas narrativas como: O Pequeno Príncipe, João Bobo, Cinderela, Pele de Asno, Branca de Neve e outras.

↳ **Os contos falam de perdas e buscas** – Falam de esquecimentos, de abandonos, de quem um dia foi significativo, e que, por várias razões já não comove. Nos contos de Andersen encontramos a história do “Pinheirinho”, uma linda árvore que após ter vivido uma experiência inesquecível numa noite de natal, foi abandonada. Ao ser levado para fora de casa, imaginando um novo recomeço, foi cortado, transformado em lenha e gemendo é queimado.

Enfim, os contos falam de descobertas, de revelações, da vida e da morte, das dificuldades de ser criança, de como é preciso provar a sua capacidade a cada instante, de como as pessoas têm de se afirmar como tal e de como as turbulências internas, que fazem parte da condição humana, também podem ser compreendidas e resolvidas através da magia, do encantamento, falam de pessoas e de suas buscas de felicidade.

↳ Aqui no Brasil, Monteiro Lobato lança o Sítio do Pica-Pau Amarelo e seus célebres personagens, como “Narizinho Arrebitado”. Através de Emília, diz tudo o que pensa, é a incomparável criação de Monteiro Lobato, que é irreverente, crítica, debocha de tudo... Capaz de encontrar uma explicação da maior lógica para qualquer coisa que inventa, Emília se diverte com tudo. Na figura do Visconde de Sabugosa, um sábio sabugo de milho critica o sábio que só acredita nos livros já escritos. Dona Benta é o personagem adulto que aceita a imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo. Tia Anastácia é o adulto sem cultura, que vê no que é desconhecido o mal, o pecado. Narizinho e Pedrinho são as crianças de ontem, hoje e amanhã, abertas a tudo, querendo ser felizes, confrontando suas experiências com o que os mais velhos dizem, mas sempre acreditando no futuro. Onde vivem o Burro Falante que é um filósofo conselheiro. O Marquês de Rabicó, que é um porco capaz de comer tudo. Tem também o pacato rinoceronte Quindim.(ABRAMOVICH, 1997).

É neste sítio que chegam anjinhos caídos do céu, Saci, almirantes ingleses, Peter Pan. É onde a fantasia e a realidade se misturam o tempo todo, e essa mistura fantástica de realidade e fantasias, de brincadeiras vividas e escutadas, de sabugos que fazem conferências e experimentos científicos, de bichos que falam sabiamente, é surpreendente, é a própria essência do humor. E assim o pó de Pirlimpimpim continuará a transportar crianças do mundo inteiro ao Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde não há horizontes limitados por muros de concretos e de ideias tacanhas.

Segundo Abramovich(1997) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos. “É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula” (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e assim ter um caminho de infinitas descobertas e de compreensão do mundo. Neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber as descobertas que a leitura proporciona, maior será a probabilidade dela tornar-se uma leitora.

A história oferece à criança oportunidade de ampliar seu universo particular, de dar asas à sua imaginação, de perceber novas formas de realidade, de aprofundar-se nas coisas do mundo que a cerca. Oferece ainda a oportunidade de ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar outras ideias para solucionar questões como as personagens fizeram. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos de um jeito ou de outro e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.

Toda criança sente necessidade de expressar-se, de colocar para fora as fantasias de seu mundo interior e, quando ela ouve uma história, ela vive isso, recontando-a, colocando-se como centro da ação, criando fatos novos, tomando posse de sua realidade. Ao participar da história contada, a criança passa a se tornar um elemento ativo e que questiona a ação relatada. Quando ouve uma história, a criança tem informação, imagina situações, tem a

oportunidade de desenvolver sua capacidade criadora porque as histórias permitem o uso da fantasia, da imaginação, que na faixa de idade que elas se encontram são predominantes.

Abramovich (1997) comenta que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, o bem-estar, o medo, a alegria, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a plenitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar [...], pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (p.17).

É através das histórias que a criança projeta o seu próprio mundo e, ao representá-lo ela encontra maneiras de expressar o que sente, o que cria, o que inventa. A história não é uma forma de alienação da criança à sua realidade, pelo contrário é uma maneira dela participar, observar, criticar, a seu modo, aquilo que lhe é imposto como útil ou necessário.

2.2. Algumas pesquisas acadêmicas sobre a contação de histórias e suas repercussões para a formação de leitores na Educação Infantil

Diversas pesquisas acadêmicas constataram a importância da contação de histórias para a formação de leitores na Educação Infantil, como se pode evidenciar nos resultados dos seguintes trabalhos:

Na dissertação defendida por Bernadete Gama Gomes Poeyrelacionada com “a contribuição dos contos infantis no processo ensino-aprendizagem para crianças de 4 a 6 anos”, em 2007, seu objetivo era procurar condições para que se apresentassem a utilização de histórias infantis como elucidativas do momento escolar e do processo de desenvolvimento das crianças.

Sua pesquisa foi realizada por meio de instrumentos de pesquisa como questionários e entrevistas, além de depoimentos de professores, da pedagoga e da participação dos alunos. Os resultados demonstraram certo pioneirismo da pesquisadora nesta questão, embora haja conhecimento tanto de professoras quanto da pedagoga sobre a utilização da contação de história como recurso de ensino-aprendizagem percebe-se que se trata de um recurso pouco ou quase nunca utilizado. Ressalta-se ainda que a utilização da contação de histórias – contos infantis – pelos docentes não são “mágicas”. Sua presença no

processo ensino-aprendizagem da criança não resolve o problema da qualidade de ensino, mas, se presente, é fator que responde pela qualidade desta primeira etapa da educação básica.

Em sua dissertação de mestrado: “Quem conta um conto aumenta um ponto?”, também publicada em 2007, Maria Socorro Silva teve como objetivo investigar o papel da literatura infantil no desenvolvimento da linguagem oral. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada a partir de um estudo de multicasos. A técnica de apreensão de dados constou de observação simples. Nessa pesquisa foram investigadas crianças de três anos de idade em três instituições de Educação Infantil. Na metodologia a professora conta a história e a investigadora solicita das crianças o reconto imediato. A análise dos dados indicou que os sujeitos que acessam o texto literário apresentam capacidade discursiva e habilidade em organizar informações, além de socialização e desenvolvimento cognitivo superior aos demais. Dessa forma, o uso sistemático da literatura parece proporcionar ganhos qualitativos e quantitativos do desenvolvimento da linguagem oral e ainda desencadeia outras aprendizagens.

Em sua tese de doutorado, intitulada “*A narrativa oral literária na Educação Infantil: quem conta um conto, aumenta um ponto*”, publicada em 2009, Ana Nery de Araújo constatou que a presença da literatura sob a forma de narrativas orais, mesmo considerando o fascínio que estas geram nas crianças, ainda não tem presença marcante na Educação Infantil, não sendo explorada em toda sua potencialidade. A tese defendida era a de que a narrativa literária contada oralmente num contexto instigante e envolvente para a criança, explorando a palavra contada com voz, silêncios e pausas, é um instrumento de ação docente, favorecedor do desenvolvimento das narrativas nas crianças, a partir daí potencializado pela interação professor/narrador-criança e das crianças entre si.

Diante dessas considerações, o objetivo da investigação dela foi identificar e descrever processos de construção e desenvolvimento do discurso narrativo literário em crianças a partir de experiência sociointerativa com contação de histórias. As situações interacionais com histórias contadas oralmente foram registradas em vídeo. Foram analisados dois momentos: o contar, realizado pelo narrador, e o recontar, realizado pelas crianças.

A partir da observação desses registros, foram selecionados trechos para análise baseados na identificação dos momentos em que haviam indícios de que as crianças elaboravam fatos narrados e conflitos presentes na história, bem como evidências do processo de desenvolvimento de narração das crianças, expressas a partir de suas capacidades de narrar, de ouvir, de refletir e de recontar, na perspectiva das transformações geradas a partir da

interação criança-criança e crianças-narradora. Os achados sinalizam que quando uma criança tem uma participação ativa no contar e recontar, percebe-se que há uma maior adesão à história, expressa nas reflexões e posicionamentos diante do que é narrado.

A pesquisadora concluiu que, dentro desse contexto, a narrativa literária torna-se, na Educação Infantil, uma ferramenta com função transformadora pelo que possibilita à criança experimentar e expressar sentimentos, caminhar em mundos distintos no tempo e no espaço, imaginar, a partir de uma linguagem peculiar, que a desloca para um mundo incomum. Além de potencializar o imaginário e a expressão lúdica, as narrativas orais literárias são a porta de entrada para o mundo letrado.

Com base na dissertação de mestrado de Gislene Aparecida da Silva Santos, defendida em 2009, sobre “A arte de contar histórias: um recurso didático para a formação de leitores discutiu-se a formação do leitor, tendo em vista os fatores estéticos e culturais presentes na contação de histórias. O estudo visou explorar a formação de leitores iniciantes usando como recurso didático a contação de história. Esta é analisada como contribuição didática para que o leitor se encante com o mundo da leitura e suas fantásticas histórias.

A reflexão sobre como o contar histórias pode cativar o leitor iniciante permeia o trabalho, buscando verificar se as técnicas de contação de histórias aproximam as crianças dos livros; se a contação de histórias amplia o interesse pela leitura, e se há relação proveitosa entre ler e ouvir histórias. A comprovação de que a arte de contar histórias estimula o interesse pela leitura na medida em que leva o leitor iniciante a reconhecer e identificar estruturas narrativas apoia-se nos estudos bibliográficos sobre o assunto e em relatos de professores/contadores. Observa-se a valorização da contação de leitores e da literatura oral na construção dos textos de grandes nomes da Literatura, reafirmando a tese de que a arte de contar histórias contribui para a formação do leitor.

Em sua dissertação de mestrado: “Contação de histórias um caminho para a formação de leitores?”, publicada em 2011, Ana Cláudia Ramos traz como objetivo verificar alguns efeitos das narrativas orais, ou seja, dos possíveis efeitos decorrentes da contação de histórias para a formação de alunos-leitores e descobrir se e como o desempenho do professor durante a contação de histórias influencia o interesse do aluno em ler outros livros. A pesquisa aconteceu através de investigações qualitativas, descritivas e interpretativas. A parte empírica foi desenvolvida com alunos do 2º ano, haja vista a passagem da Educação Infantil para o ensino fundamental, não só pela transição dos ambientes de aprendizagem comuns a essas estruturas de ensino, mas também pelas possibilidades interativas nas salas de séries iniciais.

Com os resultados obtidos, foi possível demonstrar a contação de histórias como mais uma estratégia fundamental na formação do leitor crítico e reflexivo. As narrativas orais condensam em si caminhos plurissignificativos para a leitura e compreensão de si e do mundo.

Diante dos trabalhos citados e de seus respectivos achados, evidencia-se a contação de histórias como um elemento propiciador da formação da criança enquanto leitora a partir de práticas pedagógicas que potencializem interações sociais que valorizem as narrativas orais das crianças. O ouvir histórias estimula o desenhar, o cantar, o imaginar, o escrever, o querer ouvir de novo. Esse é o início da aprendizagem para ser um leitor, porque permite que a criança desenvolva um esquema de texto narrativo, isto auxilia a criança a lembrar-se das histórias que ouviu e mesmo a criar novas histórias, permite o contato com a linguagem escrita padrão, além de ampliar o vocabulário das crianças, porque muitas vezes existem nos livros palavras que não conhecem. O contato com esta linguagem estimula o desenvolvimento de estratégias de processamento do pensamento, que interligados contribuem para a formação mais ampla da criança.

3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR

Este capítulo tem como objetivo discutir sobre como a contação de histórias deve ser trabalhada no cotidiano de creches e pré-escolas e o importante papel do professor enquanto mediador do desenvolvimento da criança pequena e da sua formação como leitora.

Desde que nascem as crianças estão mergulhadas em contextos sociais diversos que lhes apresentam sons, aromas, formas, cores, gestos, texturas, choros e variadas manifestações culturais e expressivas que, em profusão, anunciam o mundo.

Crianças brincam individual ou coletivamente e neste ato experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos a partir das linguagens com as quais aprendem a relacionar-se com os outros. Essas crianças altamente capazes de expressar-se utilizam diferentes linguagens, porém, não são raras as ocasiões em que encontram certa resistência às suas manifestações expressivas como: pinturas, desenhos, dança, nem sempre compreendidas pelas instituições de Educação Infantil que frequentam. O espaço da padronização nem sempre reconhece como direito as expressões das crianças. Há um grande desafio a ser enfrentado quando se quer construir uma Educação Infantil de qualidade e que respeite os direitos das crianças.

Acostumados a pensar na linguagem sempre associada à fala, os docentes ainda se surpreendem ao descobrir no desenho, no movimento, na linguagem gestual, musical, corporal e no próprio brincar algumas das maneiras pelas quais as crianças se expressam. Cabe aos professores junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas no seu todo. Explorar e conhecer as linguagens utilizadas pelas crianças para expressarem-se, bem como, aquelas usadas pelos adultos, significa estar junto com elas e perceber suas características de acordo com gênero, classe social, faixa etária, etnia a qual pertencem.

O trabalho que considere as diferentes linguagens das crianças implica, além de elaborar, para elas e com elas, ricos ambientes contendo materiais diversos, que se garanta também a aproximação da arte em suas formas: cinema, dança, teatro, literatura, contação de histórias, música ampliando e reivindicando o direito às manifestações artístico-culturais além do contexto institucional. Nesta era da comunicação e informação a sociedade não mais nos permite leituras que objetivem uma única interpretação, nem mesmo leitores apenas de livros.

Hoje é cada vez mais necessário que pais e educadores sejam capazes de compreender as múltiplas linguagens. Falando-se em múltiplas linguagens, enfatiza-se também o cinema, a televisão, o teatro, as histórias infantis, pois são linguagens que servem de apoio ao processo do desenvolvimento infantil. A brincadeira, a arte e a literatura, mediadas pelo corpo que se move, que comunicam o que não é dito com palavras, também são linguagens diferenciadas que a criança usa para internalizar o mundo a que ela pertence e revelar sua percepção de realidade.

O ponto de partida para o trabalho com as múltiplas linguagens é a formação dos educadores para que invistam na contação de histórias. É importante que favoreçam espaços que invistam ainda no movimento, no trabalho corporal e no brincar como estratégias vitais para as crianças, além de percepção de que arte, música e literatura possibilitam a construção de conhecimentos ricos e culturalmente significativos. Cabe ao educador propor desafios, organizar o espaço disponível e replanejar continuamente o processo.

Há alguns séculos, os textos escritos eram os únicos aceitos formalmente como passíveis de leitura. O desenho, que se pode considerar como um texto visual começou a vir juntamente com a fala, como as únicas formas de comunicação. Atualmente para estabelecer comunicação e para interagir com a sociedade, a pessoa deve ser capaz de ler o mundo e suas múltiplas linguagens, sejam elas visuais, escritas, gestuais ou sonoras. Entre todas as linguagens que fazem parte do mundo contemporâneo podemos abordar também a das imagens que nos trazem histórias contadas sem textos verbais ou escritas. A ação contínua de tal atividade estabelece a ligação entre as diferentes figuras e essa disposição temporal e espacial das imagens é que organiza o seu significado.

As imagens são um convite à criança para reestruturar, partindo delas as suas configurações mentais desenvolvendo sua capacidade imaginativa e criadora para completar cada ação e criar coerência. Segundo Glaucí, lembrando Vygotsky é através do outro que o sujeito vai estabelecendo relações com o objeto do conhecimento: “O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia.” (VYGOTSKY, 1998, p.89).

Estimular a criança a utilizar as mais diversas formas de linguagens de que se dispõe hoje a partir da contação e recontação de histórias é uma maneira de contribuir com o seu pleno desenvolvimento e com a sua formação enquanto leitora e produtora de textos.

3.1 Contar e recontar histórias

Para Bettellheim (1992), para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua criatividade. Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular sua imaginação, ajudar a desenvolver seu intelecto e tornar suas emoções claras, deve estar em harmonia com suas ansiedades, reconhecer suas dificuldades e sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

A importância da contação e da leitura das histórias infantis, bem como o tempo que as crianças necessitam para interiorizar e refletir sobre suas histórias, de modo que estas possam contribuir para seu desenvolvimento são questões argumentadas pelo autor.

Quando os contos de fada estão sendo lidos para as crianças em sala de aula ou em bibliotecas, durante a hora da história, as crianças parecem fascinadas. Mas com frequência elas não recebem nenhuma oportunidade de meditar sobre os contos ou reagir de outra forma; ou eles são amontoados imediatamente com outra atividade ou outra história de um tipo diferente. Lhes é contada, o que dilui a impressão que a história de fadas criou. [...] Mas quando o contador dá tempo às crianças de refletir sobre as histórias, e que são encorajados a falar sobre o assunto, então a conversação posterior revela que a história tem muito a oferecer emocional e intelectualmente, pelo menos para algumas crianças. (BETTELHEIM, 1992, p.75).

Ao oportunizar uma contação de história, concede-se o convite de se criar o seu cenário, sua música e suas cores. A contação é uma das formas de expressão artística mais democrática, através dela cada pessoa constrói sua história, de acordo com seus referenciais e com o que eles possam significar para si.

Se a história for bonita e as palavras usadas para encantar, as crianças assimilam não só a narrativa, mas também a beleza das palavras que estão contidas. Dessa forma, algumas frases ficam-lhes na memória e, ao pedir-lhes que recontem a história, estas utilizam palavras e frases da narração que acabaram de ouvir.

Nessa mesma linha, Bussato (2003) mostra a importância de estimularmos nossas crianças a contar história, pois no seu entender, além de ser um exercício de socialização, ao contar histórias, a criança estará desenvolvendo importantes aptidões, como a de se expressar perante um grupo de pessoas com desenvoltura. Estará também entrando em contato com seus afetos, dando vida aos sentimentos contidos, ela aprenderá a lidar com os seus, assim, conseqüentemente, ampliará seus recursos internos e amadurecerá psicologicamente.

Ao se contar uma história, está pondo-se em prática a ação da memória, desenvolvendo a capacidade de memorização e de compreensão do que se ouve, a afetividade

da criança e a lógica do pensamento, sendo assim, segundo Traça (1992), a criança, ao recontar uma história que ouviu, remete-se a uma recriação. Recriar implica dar lugar a uma nova interpretação, nova combinação de elementos. Cada gesto, entonação vocal e movimento do contador atuam como um livro aberto para essa criança que mergulha no seu significado. Então, imaginação e criatividade são despertadas através desse mundo encantado.

A força da história é tamanha que narradores e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade. A ação se desenvolve fazendo com que todos se vejam envolvidos com as personagens, mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos. Dessa forma, o narrador deve estar consciente de que importante é a história, ele conta o que aconteceu, prestando vivacidade à narrativa.

Dessa forma, ao final da leitura feita pelo professor, a criança interpretando o que ouviu, recontando a história, com certeza, o fará com prazer, com criatividade, fornecendo dicas de sua própria leitura de mundo, tecendo assim sua história. Diante das histórias infantis e das questões que as permeiam, evidencia-se a importância de se contar e recontar histórias para formar leitores, encantar e sensibilizar o ouvinte, estimular o imaginário, alimentar o espírito e para fazer da diversidade cultural um fato. Araújo(2009), em sua tese, compartilha a ideia de que, com sua participação ativa de contar e recontar, a criança adere à história, mostra suas reflexões e consegue se colocar diante do que é narrado.

Em uma história contada utilizando o livro ou em uma contação sem a intermediação dele, é importante estar envolvido com a história e o contexto. Mais ainda, é necessário que o narrador escute, preste atenção aos seus ouvintes. Afinal, não é só o narrador que desempenha esse papel. Cada criança tem sua própria história, seu modo de interpretá-la e, portanto, pode querer comentar ou fazer uma nova versão. A narração para as crianças é de grande importância, mas é preciso despolarizar essa ação e permitir que eles contem histórias para nós, adultos, e para seus colegas.

O ser humano está perdendo a experiência em narrar. Cada vez temos menos tempo de conversar com as pessoas. A gente informa as coisas e não conversa, por isso, vamos perdendo a capacidade de narrar e de escutar. Contudo, o professor é um profissional, e por isso, deve procurar meios e estratégias de trabalhar tal questão. Quando um professor ler uma história para sua turma, ele precisa interpretar atos, e isso demanda conhecimento. É essencial também saber escolher o texto, avaliar se o mesmo motivará o grupo. Esta é uma ação pedagógica e artística que requer empenho e reflexão e que o professor tem de aprender a fazer, planejando e entregando-se a esta arte.

3.1.1 A escolha da história – que história contar?

Constatada então a importância da história como fonte de descoberta para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. Quando se vai ler uma história para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê, demonstrando no decorrer da história que não está familiarizado com alguma palavra, que não percebeu o jeito como a frase está construída.

Mas não é apenas no campo da leitura das palavras que podem surgir as dificuldades, é necessário levar em conta o conteúdo da história, as relações entre as personagens, as mentiras que ela pode colocar, os preconceitos que podem passar. Desta maneira, é necessário conhecer, ler o livro antes e sentir como emociona, como irrita para que no momento de contar a história se possa veicular uma verdadeira emoção.

Quem se propõe a contar história, e a estuda tendo em vista as características dos elementos que a compõem, adquire maior confiança, familiariza-se com os personagens, vivencia emoções que poderá transmitir fazendo as adaptações convenientes. Adaptar não significa modificar o texto aleatoriamente. As adaptações devem tornar mais espontânea a linguagem escrita e dar um tom harmônico à narrativa como um todo. Há quem prefira modificar o final de algumas histórias, pois as crianças não podem “sofrer frustrações”. Como por exemplo, a história da Galinha Ruiva: fazem-na repartir o pão de trigo com os amigos que se recusaram a ajudá-la. Na concepção da autora, não se trata disso. Se alguma criança se identificou como “preguiçoso” é saudável experimentar, enquanto se diverte, a frustração de não comer o pão cujo preparo não participou.

Abramovich (1997, p. 20) comenta que:

Pode-se contar qualquer história à criança: curta, comprida, de antigamente, dos dias atuais, de lendas, de contos... Qualquer uma desde que seja conhecida do contador por ser bela ou porque tenha uma boa trama, porque seja divertida. O critério de seleção é do narrador, e o que pode acontecer depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que elas estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saibam aproveitar o texto.

Para que ocorra um aproveitamento satisfatório é bom que o contador crie todo um clima de envolvimento, de encanto, sabendo dar pausas, respeitar o tempo para o

imaginário de cada criança, contando a história com naturalidade, sem artificialismo. Um narrador não se agita, não se movimenta para um lado e para o outro, senão as crianças não saberão a quem acompanhar, se quem a narra, se aos personagens da história.

O narrador tem que se expressar numa voz definida, inconfundível, tem de saber modulá-la de acordo com o que está contando, considerando alguns aspectos, segundo Abramovich (p. 21):

- **Saber usar as modalidades e possibilidades de voz-** Curtir o ritmo que cada narrativa pede e até exige, falar baixinho ou levantar a voz quando necessário, dar longas pausas quando se introduzir o “então...”
- **Evitar as descrições imensas e cheias de detalhes-**As crianças querem ouvir mais as conversas, os acontecimentos.
- **Saber começar o momento da contação-** Uma breve conversa inicial facilita o entendimento do que vai ser contado e evita que haja muitas interrupções posteriores. Por exemplo, em histórias de bichinhos, permitir que as crianças falem de seus bichos. Se a história aborda a temática do medo, perguntar do que elas têm medo. A princípio, respondem “de nada”, os corajosos ouvintes, mas quando o narrador fala dos seus próprios medos, surgem então medos que eles desabafam. Uma das melhores formas de iniciar é da fórmula mágica “Era Uma Vez...” e segurando o interesse do ouvinte desde o início sem ter pressa de acabar, ir curtindo o ritmo e o tempo de cada história finalizando-a também de um jeito especial: “E assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu pela outra, e quem quiser conte outra...” ou simplesmente respirar fundo, olhar para as crianças, e pronunciar “fim”.
- **Mostrar a criança que o que ouviu está impresso num livro-** E que ela poderá vê-lo, folheá-lo página por página ou que pule até reencontrar aquele momento especial.

Entretanto, nada disso não funciona se o contador não se envolve com a narrativa, se não se diverte tanto quanto as crianças com a história. Funciona sim, quando é capaz de sentir que o ato de narrar é uma interação integral, capaz de captar com sensibilidade a mensagem implícita na narrativa.

Coelho (2001, p. 52) comenta que:

Contar histórias é uma prática tão gratificante, que chega a produzir no narrador uma catarse de conflitos mais íntimos [...] Não apenas as crianças, mas também adultos podem descobrir numa história a solução de algum problema

Geralmente uma boa história agrada a todos. No entanto, no caso de uma narrativa para crianças pequenas é necessário respeitar as suas peculiaridades e seu estado emocional. Então, o que contar, tendo em vista a quem contar? Vejamos o seguinte quadro proposto por Coelho (2001):

QUADRO I- Faixa etária e interesses

Até 3 anos: Fase pré-mágica	<ul style="list-style-type: none"> ↪ Histórias de bichinhos, brinquedos, seres da natureza (humanizados); ↪ Histórias de crianças
3 a 6 anos: Fase mágica	<ul style="list-style-type: none"> ↪ História de repetição e acumulativas; ↪ Histórias de fadas; ↪ Histórias de crianças, animais e encantamento
7 anos	<ul style="list-style-type: none"> ↪ Aventuras no ambiente próximo: família, comunidades; ↪ História de fadas

FONTE: Adaptado do livro: “Contar histórias uma arte sem idade” da autora Betty Coelho (2001).

Na fase pré-mágica, as histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações próximas da vida da criança e, ainda de preferência, muito ritmo e repetição.

Aos quatro anos, na fase mágica que se estende até mais ou menos os sete anos, a imaginação da criança torna-se criadora, podemos observar quando ela brinca, inventa falas ao telefone, conversa sozinha com amiguinhos invisíveis inventando até nomes. É a fase do “conte de novo” ou “conte outra vez”, pois da primeira vez tudo é novidade, nas seguintes, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. Reação igual pode acontecer com o adulto ao ler um bom livro ou assistir a um filme que gosta. Ele relê ou revê e o prazer se renova.

A rigor, não há rigidez nessa classificação, pois cada criança desenvolve-se em seu ritmo próprio. Não podemos delimitar a idade em que crianças e adolescentes perdem o

interesse por determinados temas. As histórias indicadas para uma turma podem, perfeitamente, ser adaptadas para a turma seguinte.

As subdivisões que posteriormente aparecerão, procuram respeitar algumas características apresentadas pelas crianças, e não devem ser tomadas como classificatórias. Kaercher (1998) comenta que:

- Do zero aos dois anos (aproximadamente) – neste período, pode ser construída uma relação com o objeto livro, tornando-o próximo das crianças. A importância que o livro tem em nossa cultura só será compreendida pela criança muito mais tarde, se o adulto for um contador de histórias competente e cativante. Este é um ponto crucial para formar crianças que gostem de ler e vejam na leitura e na literatura uma possibilidade de divertimento e aprendizagens. Precisamos ter uma relação especial com a literatura e a leitura; gostar de ler, ler com alegria. Se não for assim, como conseguiremos convencer as nossas crianças a fazer algo que nós mesmos não julgamos importante.

É preciso entender que nós, adultos, precisamos construir o nosso percurso de leitores e que, como todas as coisas belas da vida, isso exige paciência, carinho, cuidado e dedicação.

É através dos sentidos, e das informações apreendidas através deles, que a criança de até dois anos irá compreender o mundo que a cerca (e a literatura faz parte desse mundo). Assim, tudo que puder ser cheirado, visto, tocado, ouvido, ou saboreado, terá uma grande importância. Para essas crianças, livros de borracha, ou livros de pano são os apropriados. Sabemos, entretanto, que estes livros são quase sempre caros e difíceis de serem encontrados daí, a possibilidade de construí-los nós mesmos usando retalhos coloridos, pois a introdução desses livros em momentos prazerosos da rotina vão possibilitando à criança construir-se como leitora. Com o passar do tempo, pode-se trabalhar com livros temáticos, que envolvam imagens organizadas ao redor de algum tema como praia, alimentação, fazenda, etc.

É importante lembrar que aproximadamente aos dois anos, a criança domina a linguagem oral: já compreende um número expressivo de palavras, fala e comunica-se com os adultos e as demais crianças com facilidade. Nessa fase as palavras ganham destaque. Agora, os livros com histórias breves, sem muitas personagens passam a chamar a atenção. Nessa fase, livros com grandes ilustrações permitem que as crianças pequenas recontem a história sem o auxílio do adulto, os quais são muito importantes e favorecem a autonomia da criança frente ao livro.

- Dos três aos seis anos (aproximadamente)- à medida que vão crescendo, as crianças passam a se interessar mais pela escrita. Nesse momento, as histórias passam a ganhar destaque e com elas, a leitura passa a ter um sentido especial, acomodar-se confortavelmente para ouvir; fazer o menor barulho possível; visualizar o modo como o adulto relaciona-se com o livro, são passos importantes para serem construídos neste período.

Ao redor dos três anos, os contos de fadas passam a despertar o interesse infantil, são histórias que auxiliam a criança a organizar suas experiências de vida, lidar com perdas, conquistas, alegrias, medos, enfim, sentimentos contraditórios. Os contos de fada, com seus seres mágicos e finais exemplares, onde o mal é sempre punido, são histórias que possibilitam às crianças vivenciarem experiências sem precedentes.

Por volta dos quatro anos, as narrativas mais longas e a poesia ocupam lugar de destaque. Na poesia, versos rimados, que explorem a sonoridade das palavras e possibilitem que as crianças criem algumas associações são apreciados.

Narrativas que envolvem um número maior de personagens, histórias e lendas com o desfecho mágico atraem as crianças nesse período. Um trabalho interessante que se pode realizar é o de comparar as diversas versões de livros com o mesmo conto de fadas: diversas versões de a Branca de Neve, por exemplo, (Irmãos Grimm, Disney, Perrault). As crianças que convivem em um ambiente desafiador que contenha livros, revistas, jornais, embalagens demonstrarão nessa fase interesse pela leitura.

É de grande importância trabalhar com a produção de histórias feitas pelas crianças. Estas estimulam as crianças a sentirem-se também produtoras de histórias, de registros que podem ser passados aos demais, contados, ilustrados. É bom lembrar que a literatura é arte se nós, no nosso cotidiano, deixarmos um espaço para que esta forma de manifestação artística nos conquiste, seremos mais plenos de sentido, mais enriquecidos e mais felizes.

3.2 O papel do professor na contação de histórias

É muito importante a participação do professor na contação de histórias, interagindo com as crianças desde cedo, concebendo a criança como agente ativo na construção de significados, processo que envolve afetos e conhecimentos, e que se dá a partir da interação das crianças entre si e das crianças com os adultos. Para que se construa essa

ação pedagógica é necessário que, além de se profissionalizar, o professor da Educação Infantil também reflita e analise as situações e experiências que vive no universo da creche e da pré-escola. Faz-se também necessário que o professor conheça a criança na perspectiva de seu desenvolvimento, para que isso ocorra de forma efetiva (OLIVEIRA, 2007). Na fase de zero a cinco anos, a criança é extremamente ativa e os estudos em Psicologia do Desenvolvimento e Psicolinguística mostram a riqueza desse período, quando a fala, o corpo, a afetividade são verdadeiros instrumentos de construção e veiculação de significados.

No ambiente da Educação Infantil, a diversidade e riqueza de experiências, instigam o desenrolar de um processo em curso, a ontogênese infantil. Conhecendo esse processo, compreende-se a relevância de atividades que estão ao alcance da criança por ser de sua motivação intrínseca e de sua competência. Esse novo paradigma reafirma o lugar, na Educação Infantil, da cultura, da experimentação, da brincadeira, enquanto atividades constitutivas do desenvolvimento humano. Segundo Oliveira (2007), os estudos de Psicologia do Desenvolvimento de autores como Vygotsky acerca do desenvolvimento das crianças, em idades bem precoces, vêm trazendo discussões pertinentes aos profissionais que estudam a Educação Infantil. Dessa forma, afirma Oliveira (2007):

A instituição de educação infantil pode atuar, sim, como agente de transformação de conhecimentos elaborados pelo conjunto das relações sociais presentes em determinado momento histórico. Isso deve ser feito na vivência cotidiana com parceiros significativos, quando modos de expressar sentimentos em situações particulares, de recordar, de interpretar uma história, de compreender um fenômeno da natureza transmite à criança novas maneiras de ler o mundo e a si mesma (p.46).

Assim, a proposta para a Educação Infantil é a de que esta deve envolver a organização de condições para que as crianças vivam situações variadas, construam significados sobre o mundo e sobre si mesmas a partir das interações com os adultos e com outras crianças. A partir do imaginar, do sentir, do conversar, do contar e do recontar histórias, do exercer sua autonomia, a criança vai se constituindo enquanto pessoa.

Nesta perspectiva, o professor irá desenvolver habilidades de contador de histórias. Para se tornar um contador de histórias é necessário imprescindivelmente o olhar do outro, é esse olhar que vai direcionar o seu fazer, que vai lhe oferecer pistas, regular os mecanismos de emoção, equalizar a própria “performance”, para que se possa ir construindo conjuntamente as bases e as próprias regras, que não serão exclusivas ou imutáveis, nem muito menos aplicáveis a todo ou em toda e qualquer situação. As bases são instáveis e é bom

que seja assim, pois essas obrigam a uma atenção e a um refazer permanentes. O contador de histórias é aquele que traz o coração na mão e o olho bem aberto.

De acordo com Coelho (2000), citada por Silva (2007), o contador deve estar envolvido com a história, dominar o enredo e ter sensibilidade. Bussatto (2003), citado também por essa autora, vai além, reivindica a ideia de que contar histórias supõe profissionalismo e, portanto formação específica. Este precisa ser competente, conhecedor da literatura, conhecer e adaptar a cada grupo as técnicas de contação de histórias.

Contar histórias na sala de aula vai além do domínio de qualquer conteúdo. Usar a história como pretexto de um conteúdo específico só é válido se a história for um momento de encantamento, não de cobrança. Se a história servir para ilustrar de forma mágica algum assunto, que bom! Mas, se for para que o aluno repita-a tal qual o professor ensinou, vai-se estar diante de uma atividade de “decoreba”. É frequente alguns professores dizerem que textos ficcionais (aqueles cheios de fantasia) afastam seus alunos da realidade. Esses professores rejeitam o conto de fadas, a poesia, o literário. O bom senso diz que o equilíbrio é que é bem vindo, nunca ninguém deixou de perceber a realidade à sua volta por estar lendo ou ouvindo histórias.

Abramovich (1997, p.20) lembra que “contar histórias é uma arte que pode ser aprendida e que deve ser levada a sério, com atenção e carinho”. É esse cuidado ao narrar o conto que permitirá à criança criar cenários em sua imaginação, visualizar de uma forma tão nítida, chegando até a experimentar os mesmos sentimentos que as personagens estão vivendo.

Contar histórias para quê? Essa é a pergunta que o professor precisa responder. Algumas respostas ficam mais românticas e bonitas assim: “Eu conto histórias para o mundo com outros olhos”; “Para encantar”; “Para não deixar morrer meus sonhos”. É uma maneira de estimular a aula, uma brecha para suspender o tempo cronológico, resgatar a afetividade conquistando os alunos para coisas diferentes, ganhando a confiança e simpatia do grupo.

A criança quer sempre saber o que vai fazer depois, com aquela história, querendo gravá-la, decorando nomes, fatos, vício das fichas de leitura. Se a história vai servir para realizar algo, poderá ser escolhida em conjunto. Pode-se fazer ora de um jeito ou de outro para não virar regra. Mas é gratificante ouvir uma história simplesmente pelo fato de ouvir uma boa história. Kraemer (2008) defende que o professor precisa procurar despertar a fantasia e a imaginação, deve criar um espaço de encantamento que ajude no desenvolvimento

da criatividade e da expressão. “À criança deve ser dada a oportunidade de chorar, sorrir, admirar-se, espantar-se e divertir-se”. (p.13)

Em relação ao que contar, a história tem antes de tudo que interessar ao narrador. É preciso sentir a história e ficar atraído por ela. Caso contrário, a narração pode correr o risco de ficar vazia ou falsa. Em segundo lugar entram as características específicas do público, como idade, ocupação, interesses. Em seguida, entram em jogo os interesses pessoais do narrador e as circunstâncias concretas do ato de narrar (local, horário, número de pessoas).

Não existe uma maneira prévia de narrar uma história. É necessário criar um clima para narrar, perceber se o momento é adequado, se existem fatores externos que distraiam o público, todos esses aspectos influenciarão na recepção da história.

Não se deve explicar a história antes de narrá-la e nem fornecer previamente nenhuma informação que possa destruir o elemento surpresa da história, essas são algumas recomendações. É necessário cuidar do vocabulário, não infantilizar a voz, abusando dos diminutivos ao contar para as crianças. Os principais recursos são a expressividade da voz e do corpo. Mais importante do que tudo é narrar com prazer, esse prazer tem ligação direta com o êxito da história que vai se narrar. Quando o canal da emoção está livre, aquilo que o contador sente se reflete nas palavras e vai refletir em quem o escuta. Isso tudo é uma rede.

Na instituição de Educação Infantil, a atividade de contar histórias enquanto recurso pedagógico no processo de formação do leitor é uma atividade que vem ressurgindo diante de uma nova prática social, ou seja, a ideia tradicional de leitura do texto literário vinculado a uma atividade como de escrita, desenho, fichas de leitura, vem sendo substituída pela literatura como fonte transformadora e como fonte de prazer.

A instituição é um espaço social onde o indivíduo passa grande parte de sua vida. Sendo assim, o professor aprimora-se da responsabilidade de contar histórias e de promover o contato com o literário, com o intuito de fazer a criança entrar num mundo imaginário, num espaço que se abre a ela, aproximando ficção e realidade.

A contação de histórias é uma atividade de natureza cultural, lúdica e artística, assim, o professor que se utiliza desse recurso em sala acentua a imaginação dos leitores, provoca o interesse pela leitura e concorre para a formação de leitores a partir do momento em que as crianças são motivadas a ouvir histórias para daí analisar o que aprenderam.

Quem promove o contato da criança com o texto literário é o professor, levando-a a se sentir recompensada seja porque aprendeu, porque venceu obstáculos ou porque se

emocionou ao ler. Quem vai esclarecer um tema profundo e complexo e encorajar a criança a continuar na leitura, aprendendo a lidar com tais dificuldades é o professor.

O contador ao escolher a história, deve considerar quem vai ouvi-la, onde vai ser contada e o que vai contar. A preparação da história começa com a escolha cuidadosa e antecipada do texto, realizando assim uma narração produtiva. Sisto (2005), citado por Ramos (2011), indica que a leitura nas entrelinhas é indispensável para que o leitor, no caso o contador, possa ultrapassar a superfície do texto e implicar-lhe na realização de uma leitura de profundidade. Faz-se necessário então que ele não esqueça que a leitura é o exercício de um diálogo. O contador precisa ainda apreciar a história, como se aprecia uma obra de arte, despertando para a sensibilidade e emoções.

O papel do professor é fundamental enquanto mediador e exemplo de leitor, pois, aprender a ler requer a mediação de alguém mais experiente. Ler também se aprende lendo. Aprender a ler não significa luxo, é sim uma necessidade, é emancipar-se e ser reconhecido como indivíduo e um ser social, é viver emoções e aprender a lidar com elas, é adentrar mundos imaginários aonde os pés não podem ir, quem vai é somente o pensamento, a fantasia.

Muitas vezes, as crianças mostram resistência quanto à leitura, dizem que não gostam de ler, que não gostam de poesias, que preferem os livros que têm muitas gravuras, enfim. Histórias infantis, contos de fadas, parlendas, invadem o imaginário das crianças desde pequenas. Então, porque a criança, ao crescer, muitas vezes, demonstra tanta resistência? Esse fato está atribuído ao modo como a instituição trabalha com a literatura, num caráter utilitarista, que está presente nela e tem origem nos fins do século XVII e durante o século XVIII nos primeiros escritos literários produzidos para o público infantil. Os textos produzidos por educadores tinham caráter educativo, uma finalidade pragmática, que visava manipular o indivíduo.

Portanto, desenvolvendo projetos de literatura, tornando o ambiente da sala num ambiente criativo para a leitura, valorizando o texto literário como pensamento e arte, como brincadeira, é possível claramente despertar o gosto pela leitura. É da parte do professor tornar o ambiente de creches e pré-escolas propícios para a leitura. A criança precisa do apoio do professor para “tomar gosto” pela leitura.

Criança tem o olhar aberto para o poético na medida em que ela tem o olhar exercitado para brincar. Mas precisa ser incentivada a brincar com a língua por meio de muitos jogos de palavras: ditados populares, cantigas de roda, de ninar, parlendas, quadrinhas, poemas. Também ajuda viver em um ambiente em que impere a poesia

[...]. Afinal, criança é poeta quando em seus achados cotidianos desvenda um ângulo diferente para expressá-las verbalmente. (CARPINEJAR, 2008, p.08)

Dando esse apoio, desenvolvendo projetos de literatura como a hora da história, escolhendo livros e contando-os com entusiasmo, realizando atividades na biblioteca da escola, como o empréstimo de livros, incentivando as crianças a produzirem textos, desenhos. Tudo isso sem caráter de atividade pedagógica, com uma posterior cobrança tão rigorosa, é um caminho para que as crianças tornem-se leitoras, que gostem, que respeitem o mundo da literatura que transforma, desperta a sensibilidade e a criatividade. A leitura é um grande instrumento que os professores têm para despertar o senso crítico e reflexivo das crianças, visto que um mesmo texto possibilita diferentes reflexões.

Para Oliveira (1992 p.46), citado por Hollanda (2007 p.46), o professor tem a função de ser o:

Mediador da relação do aluno com o conhecimento, colocador de limites, apoiador efetivo em inúmeras ocasiões, organizador do espaço físico e de muitas atividades (...). é ele que deverá fazer a constante recriação da proposta pedagógica da pré-escola, criando o suporte afetivo básico e cuidando para a estruturação do grupo infantil.

Observando todas essas atribuições dadas ao professor, faz-se necessário a qualificação e a formação específica destes profissionais, para que estejam preparados para cuidar e educar das crianças pequenas de forma global e que estejam comprometidos a atender a todas as exigências do seu papel. Não se concebe nessa perspectiva, alguém que tenha jeito com criança pequena ou que simplesmente goste delas. Faz-se necessário uma formação profissional condizente com a responsabilidade da atuação pedagógica do professor da Educação Infantil, que favoreça a promoção do desenvolvimento integral da criança.

A instituição é o espaço onde se estabelece a relação entre as histórias, livro e criança, pois, em muitos casos é nela que a criança tem a oportunidade de relacionar-se, de conhecer o mundo das histórias infantis e de criar novas possibilidades de desenvolvimento. Percebe-se assim a responsabilidade do professor, ao propor atividades que façam a criança refletir e construir conhecimentos a partir da contação de histórias. É necessário atentar para a qualidade dos livros que serão trabalhados. O professor deve estar consciente que contar histórias para as crianças não é só propor uma aprendizagem, é propor também que elas se tornem leitoras e que assim possam andar por um caminho de descobertas e de compreensão

do mundo. É importante que o professor tenha gosto pela leitura e transmita isso aos alunos. (KRAEMER, 2008)

Cabe ao professor oferecer os diferentes gêneros como os contos de fadas, fábulas, lendas, poemas e outros. Cada um desses gêneros traz diferentes valores a serem considerados. Vários livros trabalham valores inversos, é interessante confrontá-los, assim percebe-se a coerência de determinados aspectos com a realidade existencial. Dar aventura à criança para que ela se envolva com os gêneros que tenham afinidade e escolher um livro que faça nascer uma relação entre o professor ea criança dificilmente será rompida com o passar do tempo.

A criança, dependendo do seu momento, de sua existência, de suas dúvidas, pode estar interessada em ler ou escutar sobre qualquer assunto, faz parte da curiosidade dela, pois se trata da vida em geral e da sua própria em particular. A questão é saber como o tema é abordado. Está se falando de histórias que abordam problemas que a criança está atravessando. Abordar uma questão de modo superficial, contar uma história de modo mascarado, porque não se está à vontade para se discutir tal assunto não faz sentido.

Qualquer assunto pode ser importante, isso não depende apenas da curiosidade da criança, depende também do desenvolvimento do mundo, das contradições que a criança vive, e para isso é preciso estar atento a tudo que acontece. Qualquer que seja o tema escolhido, a contação deve ser trabalhada com verdade, sentimento e clareza.

3.3 Leitura e contação de histórias

Identificar e conhecer as características das atividades de contar e de ler histórias é essencial para preparar e garantir a aprendizagem das crianças. Quem resiste a boas histórias? Seja como e onde aparecem; nas páginas de um livro, nos jornais, nas revistas, nas telas da televisão ou do computador, narradas presencialmente... Elas encantam, fazem rir, chorar, amedrontam, são capazes de levar, mesmo que em pensamento, a lugares distantes pessoas de qualquer idade, especialmente as crianças.

A leitura e a contação de histórias devem fazer parte da rotina da Educação Infantil. Além de proporcionar o contato com o mundo dos livros, os momentos de leitura levam as crianças a compreenderem que a escrita é uma maneira de fixar o texto. Pois, todas as vezes que se lê um conto de fadas ou uma fábula, por exemplo, a história é a mesma, está

registrada. Já a contação, explicita o valor da cultura oral. Por serem transmitidas de geração para geração, sem um suporte concreto, as narrativas sofrem transformações.

Tanto a leitura quanto a contação são um convite para explorar o mundo da ficção e a riqueza da linguagem literária. Porém, contar e ler histórias não é a mesma coisa. Maria Slemenson afirma que: “As práticas têm particularidades no que diz respeito aos objetivos e à postura de quem apresenta a trama”. (NOVA ESCOLA, p.68) Cada uma dessas atividades pede comportamentos distintos tanto dos professores como das crianças e ambos os grupos precisam estar cientes dessa necessidade.

Procurando esclarecer as principais diferenças entre contar e ler histórias e ajudar o professor a preparar seu trabalho em sala, pode-se observar uma tabela comparativa mostrando tais diferenças.

	LER	CONTAR
CARACTERÍSTICA PRINCIPAL	A história é apresentada preservando as palavras escolhidas pelo autor. O leitor deve se manter fiel ao que está escrito.	A trama sempre sofre pequenas modificações, já que o contador tem liberdade para improvisar elementos a ela. Ele nunca conta uma história da mesma forma.
OBJETIVO	Desenvolver o comportamento leitor das crianças. Elas conhecem o portador e seus elementos, aprendem a emitir opinião sobre a história e conhecem o ponto de vista dos colegas.	Ampliar o repertório da cultura oral, que se perpetua na forma e sofre mudanças de conteúdo de geração em geração.
PREPARAÇÃO	Selecione e leia os livros pensando na qualidade literária e na adequação à faixa etária da turma.	Conheça bem a história e seus personagens, já que ela vai ser contada sem auxílio de qualquer portador de texto. Analise se intervenções com músicas, fantoches ou outros recursos podem enriquecer o momento. Se podem, providencie o material.

ORGANIZAÇÃO DA TURMA	Coloque o grupo sentado próximo a você, onde todos possam ouvir e visualizar a leitura e o livro. Se houver diversos exemplares, sugira que a turma acompanhe a leitura em duplas.	Peça que as crianças se acomodem perto de você para ouvir a contação com clareza.
INÍCIO DA ATIVIDADE	Apresente ao grupo o título do livro, o autor e o ilustrador. Explique o porquê da escolha. Lembre que é importante todos se manterem em silêncio até o fim da leitura e que perguntas serão respondidas depois. Faça referência ao suporte livro, um bem cultural que guarda a história.	Faça uma introdução rápida do enredo e fale sobre a opção de contar aquela história. Antecipe possíveis dúvidas. Informe que é importante o grupo se manter em silêncio para ouvir a contação. As perguntas devem ser respondidas ao fim da atividade.
CUIDADOS	Durante a leitura seja fiel ao texto. Não substitua palavras ou faça interrupções na narrativa. Mude o tom de voz de acordo com os personagens e o desenrolar da trama.	Conte a história preservando os detalhes. Cuide da postura corporal para que os movimentos enriqueçam a contação. Fique atento à impostação da voz, respeitando o desenrolar da trama e as características dos personagens.
O QUE FAZER DEPOIS	Convide a turma para comentar a história e ilustrações, abra espaço para perguntas. Ofereça o livro aos pequenos para que eles o manuseiem e analisem como o visual ajuda a contar o enredo.	Sugira às crianças que apresentem suas opiniões sobre a trama que foi contada e a forma como a narração foi feita.

4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CONTEXTO INSTITUCIONAL PESQUISADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Este capítulo busca explicitar os caminhos da pesquisa realizada, suas opções teóricas e metodológicas, descrevendo o contexto da instituição onde foi efetuada a investigação e explicitando as percepções das professoras e da coordenadora pedagógica sobre a contação de histórias.

4.1 Opções teóricas e metodológicas da pesquisa

A presente pesquisa de natureza qualitativa foi desenvolvida através de pesquisa bibliográfica sendo complementada por uma pesquisa de campo. Quanto à pesquisa bibliográfica, essa foi desenvolvida através de material já elaborado, sobretudo livros, dissertações, teses e publicações em periódicos. Para Gil (1999, p.48):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] As principais publicações periódicas são os jornais e as revistas. Estas últimas representam nos tempos atuais uma das principais fontes bibliográficas.

Para Matos (2001), a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de um levantamento de material com dados já analisados, e publicados por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de websites sobre o tema que se deseja conhecer. Dentre os principais autores estudados nessa pesquisa encontram-se: Bettelheim(1992), Abramovich(1997), Coelho(2001), Lajolo e Zilbermann(2002), Vygotsky (1998, 2001).

Sob um enfoque qualitativo, o pesquisador participa, compreende e interpreta, busca analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Para Lakatos e Marconi (2004, p.271), este tipo de pesquisa; “fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”

As principais características dos métodos qualitativos são a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa

(KAPLAN&DUCHON, 1998). Bradley (1993) também aponta que na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador da realidade.

Segundo Bodgan e Biklen(1998), as características principais da pesquisa qualitativa são:

1. **Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal** – Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os materiais registrados mecanicamente são revistos na sua totalidade pelo investigador, sendo o entendimento que este tem deles o instrumento chave de análise.
2. **A investigação qualitativa é descritiva-** Os resultados escritos da pesquisa contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e enriquecer a apresentação. Os dados recolhidos são em forma de imagens ou palavras, não são usados números. Os dados incluem transcrições de entrevistas, vídeos, notas de campo, documentos pessoais e outros. O pesquisador procura analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando a forma como estes foram registrados.
3. **Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos-** Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura entender como acontece, de que forma acontece e o que foi feito para se chegar a determinada situação, isto é, investiga todo o processo, não quer saber somente do resultado.
4. **Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva-** O pesquisador não recolhe dados ou provas com o objetivo de confirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados que foram recolhidos vão se ajuntando.
5. **O significado é de importância vital na abordagem qualitativa-** Os pesquisadores que utilizam a abordagem qualitativa estão interessados na forma como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas, suas perspectivas. Os pesquisadores qualitativos fazem questão de se certificarem que estão apreendendo as diferentes perspectivas adequadamente. Estes estão sempre questionando os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber como vivem, a forma como experimentam e interpretam suas experiências.

Nesta abordagem adotada foi desenvolvida uma pesquisa de campo, onde muitos autores utilizam esta expressão para “caracterizar as investigações em que, além da análise bibliográfica, e por vezes documental, os pesquisadores coletam dados com as pessoas, fazendo uso de diversas técnicas”. (MATOS,2001,p.42)

Dentre as técnicas mais utilizadas na pesquisa qualitativa encontra-se a entrevista, que segundo Gil (1999), é definida como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação.

Conforme Gil(1999,p.37), a intensa utilização da entrevista na pesquisa social deve-se a uma série de razões, dentre as quais estão:

1. A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social;
2. A entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano;
3. Os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação;
4. Não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever;
5. Possibilita a obtenção de maior número de respostas;
6. Oferece maior flexibilidade, pois o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a pesquisa;
7. Possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, sua tonalidade de voz e a ênfase nas respostas.

Assim como apresenta uma série de vantagens, a entrevista tem também suas desvantagens, o que a torna em algumas situações, menos recomendáveis. As principais limitações, segundo Gil (1999, p.38) são:

1. A falta de motivação por parte do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas;
2. A incompreensão do significado das perguntas;
3. A possibilidade de fornecimento de respostas falsas, consciente ou inconscientemente;
4. Falta de habilidade ou incapacidade do entrevistado para responder adequadamente, por motivo de insuficiência vocabular ou de problemas psicológicos;
5. A influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado.

Tais limitações podem intervir na qualidade da entrevista. Porém, em função da flexibilidade própria da entrevista, muitas dessas dificuldades podem ser contornadas, já que o êxito desta técnica depende fundamentalmente do nível da relação pessoal estabelecida entre entrevistador e entrevistado.

Esta pesquisa foi desenvolvida na instituição Espaço Infantil¹, escolhida por ser uma instituição pública do município de Tauá e pelo fato de a pesquisadora ter conseguido uma maior disponibilidade por parte da coordenadora pedagógica e professoras para a realização do trabalho.

No mês de junho, foram realizadas visitas ao local investigado no período da manhã, a fim de conhecer melhor o contexto institucional, e nesse período foi solicitado à direção a autorização para a realização da pesquisa. Houve bastante abertura por parte da equipe técnica e dos profissionais da escola para o trabalho de campo.

Inicialmente foi aplicado um questionário²(anexo 01) junto à diretora a fim de levantar a situação institucional referente à infra-estrutura física, proposta pedagógica, formação dos professores e relação família-escola, com o propósito de conhecer melhor o ambiente.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com a coordenadora pedagógica da instituição e com duas professoras, uma da sala de 4 anos e a outra da sala de 5 anos. Utilizou-se este instrumento com o objetivo de verificar as concepções dessas profissionais acerca das contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil (ver apêndice 01 e 02).

Os encontros duraram em média 30 minutos e foram realizados na própria instituição, num local sugerido pela coordenação onde não haveria muita possibilidade de interferência externa.

4.2 Descrição da instituição investigada

O campo de pesquisa foi uma instituição de educação infantil de caráter filantrópica que mantém parceria com a Prefeitura Municipal de Tauá por meio da Secretaria de Educação. Funciona há aproximadamente 39 anos, atendendo atualmente 130 crianças de idade entre 3 e 5 anos.

Funcionando no período da manhã das 07:00hs às 10:50hs.

A denominação utilizada para os agrupamentos é a seguinte: maternal, com crianças de 3 anos; nível 1, com crianças de 4 anos, e nível 2, com crianças de 5 anos. A

¹ Nome fictício.

² Este questionário foi elaborado pelo FÓRUM ESTADUAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL.

média do número de crianças em cada agrupamento é: no maternal, 31, no nível 1 tem 27 crianças, e o nível 2 possui 23 crianças. Em cada sala há um professor, com exceção do nível 1, que conta com dois profissionais.

A rotina da instituição começa às sete horas com uma acolhida geral feita no pátio, logo em seguida, 07h10min as crianças vão para a sala, onde realizam atividades. Das 09h00min as 09h30min as crianças merendam e brincam no recreio, de 09h30min as 09h40min as crianças repousam, de 09h40min as 10h30min realizam atividades, de 10h30min as 10h40min atividade de casa. (Ver no anexo 02 a rotina das crianças de quatro e cinco anos).

A instituição conta com um parquinho razoavelmente conservado onde as crianças brincam na hora do recreio. Um dos problemas do parquinho é que ele está localizado em uma área não sombreada, o que favorece o desgaste do equipamento e o desconforto para as crianças brincarem no momento de muito calor. A instituição conta com uma área grande sombreada, tanto pelo pavilhão central como pelas árvores plantadas no interior da instituição, estes espaços estão muito bem conservados e limpos.

A instituição possui cinco salas de aula, com boa limpeza, iluminação e ventilação natural adequada, com uma área média de 7m², sendo que 3m² aproximadamente são para a circulação das crianças.

A biblioteca da escola é limpa, a iluminação e a ventilação adequada, mas a área é pequena, com poucas cadeiras e mesas para as crianças. Porém, é suficiente a quantidade de livrinhos para as crianças, é também suficiente a quantidade de livros e revistas para a consulta por parte de professores.

A instituição conta com quatro banheiros, sendo dois para crianças e dois para adultos. Os banheiros para as crianças contam cada um com sanitário adequado para elas, duas pias e um chuveiro. Os banheiros não contam com o piso antiderrapante que é ideal para crianças. O estado de conservação está razoável, apresenta uma boa limpeza, a iluminação e ventilação natural é adequada. Os banheiros dos adultos contam com sanitário e uma pia e são separados por sexo. Estão muito bem conservados, pois passaram por recente reforma.

O refeitório da instituição fica em um espaço aberto, ao lado da cantina, sob o balcão. São colocadas quatro mesas grandes com bancos de madeira onde todas as crianças sentam juntas e fazem a sua refeição. O local é bastante limpo, com boa iluminação e ventilação natural.

A merenda é servida pela instituição as 09h00min todos os dias, visto que a escola não vende nenhum tipo de alimentação e as crianças não costumam trazer alimentos de casa. A merenda é preparada para todas as crianças, sem diferenciação de cardápio por idade.

A cozinha tem uma área de aproximadamente 5m². Nela estão equipamentos como: geladeira, fogão, armário para objetos de metal etc. O local é bem limpo e conta com boa iluminação e ventilação natural. Em um pequeno espaço do lado da cozinha fica a dispensa, onde estão guardados os alimentos usados para a alimentação das crianças. A dispensa é bem limpa, tem entrada de ar por meio de uma janela.

O pátio interno é bem conservado e conta com uma área de aproximadamente 15m². Com uma área bem limpa e sombreada pelas árvores e pelo galpão, o pátio interno é um local muito bom para as crianças brincarem na hora do recreio.

A brinquedoteca tem uma área de aproximadamente 5m², apresenta iluminação e ventilação natural adequada, devidamente limpa. A brinquedoteca conta com boa quantidade de brinquedos que se dividem em carrinhos, bonecos, fantoches, blocos de plástico, joguinhos confeccionados em madeira e plástico E.V.A, casinhas, além de outros. A brinquedoteca serve também como um espaço onde as crianças fazem dramatizações, utilizando-se dos materiais disponíveis no local. A maioria dos brinquedos apresenta um bom estado de conservação.

A instituição conta com uma boa quantidade de equipamentos, contando com uma máquina de xérox, um microcomputador, dois televisores, um DVD, um vídeo cassete e um aparelho de som, alguns bem conservados, outros em razoável estado de conservação.

A instituição conta com um quadro de doze funcionários, sendo: uma diretora, uma coordenadora pedagógica, três faxineiras, uma cozinheira e um vigia. A diretora que geralmente realiza tarefas administrativas e em alguns casos supervisiona os demais trabalhos realizados na escola, possui formação em curso superior com especialização em História e Sociologia, tem remuneração de dois salários mínimos e trabalha na instituição há 21 anos. A coordenadora pedagógica acompanha o planejamento dos professores e trabalha na instituição há dois meses. Possui curso superior incompleto. As cinco professoras trabalham diretamente com os alunos, quatro possuem formação em curso superior. Uma professora está cursando Pedagogia. Todas contam com remuneração de um salário mínimo e estão na instituição de um a dois anos; as três faxineiras cuidam da limpeza da escola, recebem menos de um salário mínimo por mês e trabalham na instituição em média há três anos. A cozinheira cuida da alimentação das crianças, concluiu o ensino fundamental, recebe menos de um salário mínimo por mês e trabalha na instituição há um ano. O vigia cuida da vigilância e do corte de árvores,

e tem o ensino médio, recebe menos de um salário mínimo e trabalha na instituição há três anos.

O processo de seleção de pessoal é divulgado pelos próprios funcionários, e é feito pela diretora ou pela coordenadora pedagógica, levando em consideração que a seleção para professores dessa instituição é feita através de indicação da diretora ou da Secretaria de Educação do município.

A escolaridade mínima exigida dos professores que desejam lecionar nesta escola é possuir formação em nível superior ou estar cursando o ensino superior. Para os coordenadores pedagógicos a exigência também é de formação em nível superior.

A instituição tem como objetivo formar a criança cidadã, buscando desenvolvê-la nos seus aspectos físico, afetivo, social e cognitivo. Acredita que a criança se desenvolve a partir de uma intervenção direta do professor, na medida em que ele oferece atividades que privilegiem o nível de desenvolvimento dos alunos, em que estão bem nas relações com o meio social em que ele está inserido, seja, na família, na instituição, no grupo com “coleguinhas”, etc.

A instituição possui uma proposta pedagógica que foi elaborada pelos professores justamente com uma equipe de profissionais da própria instituição, que consideram que a proposta pedagógica é um documento norteador para as atividades desenvolvidas pelos profissionais que trabalham lá. Uma das dificuldades na sua efetivação, apontada pela direção é a insuficiência de material didático.

A avaliação é feita através de pequenos trabalhos, tendo como objetivo observar o nível de desenvolvimento das crianças, em cada área trabalhada. As crianças com maior dificuldade de aprendizagem são acompanhadas pela coordenadora pedagógica, que planeja atividades com o objetivo de promover o pleno desenvolvimento dos educandos.

O acompanhamento pedagógico dos professores é feito pela coordenadora pedagógica nas reuniões quinzenais que acontecem na instituição, que tem como objetivo discutir as dificuldades encontradas pelas professoras.

A escola atende em sua maioria crianças pobres que moram num bairro de periferia de Tauá. As famílias geralmente procuram esta instituição pela proximidade de suas residências.

As reuniões com os pais da instituição acontecem a cada bimestre ou por motivo de festividade e contam com a participação da maioria das famílias. O objetivo das reuniões é

de informar as famílias sobre os trabalhos que estão sendo desenvolvidos na instituição bem como informar para os pais sobre o desenvolvimento das crianças.

4.3. A contação de histórias na visão das professoras e da coordenadora pedagógica

“É muito gratificante quando a gente conta uma história que todo mundo se envolve, participa”. (Professora Bia).

Busca-se analisar as concepções que as professoras de Educação Infantil e a coordenadora pedagógica da instituição pesquisada têm à respeito da contribuição da atividade de contação de histórias para o desenvolvimento infantil.

Com relação às professoras, a professora identificada por Ana (nome fictício) é solteira e mora com sua mãe. Está cursando Pedagogia na instituição IFTE, portanto tem curso superior incompleto. Possui uma renda familiar de, em média, três salários mínimos. Está na função do magistério há doze anos e na Educação Infantil há apenas cinco anos.

A professora de nome Bia (nome fictício) é casada e tem dois filhos. Possui uma renda familiar cuja média é de dois salários mínimos. Tem curso superior completo. Sua formação é Licenciatura Plena em Português, realizada na Universidade Vale do Acaraú. Desde que iniciou a função de professora, há doze anos, trabalha na Educação Infantil.

A coordenadora Clara (nome fictício) é solteira, tem dois filhos e mora com sua mãe. Está no 8º Semestre do curso de Química pela Universidade Estadual do Ceará. Há doze anos está na função do magistério na Educação Infantil.

Durante a entrevista com as professoras, ao serem indagadas sobre suas opiniões a respeito da contação de histórias, se essas devem estar presentes no cotidiano de creches e pré-escolas e com que frequência, as professoras responderam que:

“Eu acho que a contação tem que ser todo dia, é bem importante para o desenvolvimento da criança.” (Professora Ana)

“Dependendo do contexto que se vai trabalhar. Porque dependendo do tema dá prá contar todos os dias.” (Professora Bia)

A atividade de contação de histórias é uma prática enriquecedora para o desenvolvimento das crianças e é de importância que esteja presente no dia a dia. Pires (2000)

aponta que a literatura infantil é imprescindível e que deve ser trabalhada no cotidiano junto às crianças. A contação de histórias infantis precisa ser entendida como um recurso pedagógico necessário e para tanto se faz indispensável a atuação por parte dos professores para não abordarem a leitura de uma história tão simplesmente, mas com o objetivo de mediar a aprendizagem da criança e contribuir com a sua formação enquanto leitora.

Ao serem indagadas a respeito de quais habilidades que a contação de histórias pode desenvolver na criança e para que contar histórias na Educação Infantil, as professoras foram unânimes em ressaltar a importância da utilização desse recurso para o desenvolvimento da linguagem da criança:

“É um equívoco, na educação infantil achar que não se pode trabalhar a questão da leitura. Porque há um desenvolvimento. Porque quanto mais cedo, assim, aconteça esse encontro, né, a criança vai desenvolver na questão oral e escrita também, né?” (Professora Ana)

“Desenvolve a linguagem, porque eles vão criando coisas vão imaginando. É... pra desenvolver cada vez mais a imaginação deles, desenvolver mais o interesse pela leitura...” (Professora Bia)

A contação de histórias infantis ajuda no desenvolvimento da linguagem e do pensamento das crianças. Segundo Vygotsky (2001), as palavras desempenham um papel fundamental não só no desenvolvimento do pensamento, mas também no desenvolvimento histórico da consciência como um todo. As narrativas fazem parte da vida; são inerentes ao agir humano, a linguagem permite o conhecimento do mundo circundante, possibilita a interrelação do ser no meio social. Apropriando-se dos significados expressos pela linguagem, a criança os aplica ao seu universo de conhecimentos sobre o mundo.

Essa importância se evidencia quando as duas professoras ao serem indagadas sobre o fato da contação de histórias ser um recurso importante para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças pequenas, ressaltarem ser um recurso positivo, pois ao ouvir histórias as crianças imaginam e a partir daí participam conversando, escrevendo, desenhando e dando vida a tudo o que foi escutado. As professoras disseram:

“Com certeza. É um estímulo. Assim, ouvimos a historinha, agora vamos fazer um desenho? Lembre aí o que você ouviu e viu. Agora vamos fazer um desenho. E aí eles vão fazer o desenho do jeito deles.” (Professora Ana)

“Com certeza. Porque quando agente tá contando histórias, eles vão imaginando coisas e ali a gente pede pra eles desenharem e eles vão descrevendo da maneira deles, o que a professora contou pra eles.” (Professora Bia)

Na tese defendida por Araújo (2009) constatou-se que a narrativa literária oralmente contada num contexto envolvente para as crianças é um instrumento de ação docente, que irá favorecer o desenvolvimento das narrativas nas crianças, além de potencializar a expressão lúdica e o imaginário das crianças.

A contação de histórias desenvolve na criança seu poder de observação, amplia suas experiências, seu gosto pelo artístico. As histórias enriquecem a experiência da criança, a sua capacidade de dar sequência lógica aos fatos, seu pensamento, atenção, gosto literário, ampliação do vocabulário, o estímulo e interesse pela leitura, a linguagem oral e escrita etc.

Ao serem indagadas à respeito de como a contação de histórias deve ser trabalhada na prática pedagógica do professor de Educação Infantil, as professoras informaram que através da própria contação este pode orientar as crianças a fazerem diversas atividades:

“Após o momento da contação da historinha, podemos fazer desenhos, dramatizar... dá prá fazer muitas coisas...” (Professora Ana)

“Deve ser através de desenhos, né? De pinturas, da linguagem oral também. Pode ser mostrando o desenho e eles vão contando. Através de montagens a gente vai mostrando palavrinhas e eles vão contando”. (Professora Bia)

Para Kraemer (2008), o ato de contar histórias é um importante instrumento no processo educativo, pois favorece a socialização das crianças, que aprendem a ouvir, a falar, a expressar-se. Fazendo-se da contação de histórias um hábito em nossa rotina pedagógica, permite-se formar um leitor atento, capaz de compreender e interpretar textos, além de enriquecer o vocabulário das crianças.

As duas professoras ressaltaram que o papel do professor na contação de histórias é o de mediador, que deve conduzir este momento interagindo, motivando, fazendo com que as crianças participem, contando e recontando, revivendo o que ouviram. Ao perguntar sobre o papel do professor na contação de histórias e como ele deve conduzir a contação e a recontação de histórias, elas afirmaram:

“Deve interagir. E aí a recontação da história, né? Durante a contação, a criança se imagina ali. Se coloca no lugar do personagem. Eles gostam de ficar fazendo perguntas. Participam. O professor deve ser mediador, motivador, interagir. Porque assim, tanto o professor aprende com a criança, quanto a criança aprende com o professor. Há a interação” (Professora Ana)

“Ele pode ser mediador. Vai mostrando as gravuras, né? Como a criança não sabe ler ainda, então o professor vai mostrando a gravura... Pode encenar também,

colocar as crianças para encenar. Pode fazer a recontação através de pecinha teatral.” (Professora Bia)

A contação de histórias deve ser uma atividade a ser trabalhada no cotidiano da Educação Infantil. O reconto realizado pelas próprias crianças é uma atividade que, segundo Bussato (2003), é um exercício de socialização junto a seus pares. Recontando uma história, a criança estará desenvolvendo sua capacidade de memorização e de compreensão do que ouviu. No recontar, pode-se observar como as crianças recontam partes das falas que ouviram e complementam suas ideias, num trânsito permanente de interpretações e significações. Tal atitude aponta para a reciprocidade entre as crianças e o meio (VYGOTSKY, 2001).

Com relação à utilização da contação de histórias em suas salas, as professoras comentaram que frequentemente suas crianças entram em contato com os livros de histórias:

“Na sala tem o cantinho da leitura... tem o momento deles manusearem os livros, folhearem, observar... Ou então, terminou a tarefa, vai lá, pegue um livro...” (Professora Ana)

“Diariamente. Lá tem também o cantinho da história, e eles sempre pedem prá pegar. E vão lá e pegam...” (Professora Bia)

As professoras relataram que costumam contar histórias para suas crianças, como se pode constatar na afirmação de Ana: *“Sim. Conto sempre e gosto... Ali é uma troca de experiências. É uma troca a gente aprende também com as crianças. Quando a gente conta, faz gestos, eles reagem àquela situação. Se torna interessante. A gente dá vida à história.”*

As professoras também afirmaram que há um interesse e envolvimento significativo das crianças quando elas trabalham com a contação de histórias:

“Elas se envolvem mesmo. Se você for perguntar, eles respondem. E tem aqueles que gostam de participar, ficam olhando e ficam fazendo pergunta para o professor. A contação de histórias é um incentivo, elas se envolvem... Ela facilita a comunicação, a gente ver que aquelas crianças, até as mais caladinhas, participam, dão sua opinião.” (Professora Ana)

“Quando eu vou contar uma história, eles já ficam todos ansiosos, todos animados, curiosos prá saber que história é... o que tem na história, se envolvem mesmo.” (Professora Bia)

Ao realizar a entrevista com a coordenadora pedagógica da instituição, ela comentou que naquela instituição havia incentivo para que a atividade de contação de histórias fosse utilizada, sendo valorizada a realização dessa atividade. Desta forma:

“Temos a sala de leitura, onde as professoras realizamos contações de histórias. Temos na própria sala o cantinhoda leitura. E elas fazem ‘n’ cantinhos para contação comono pavilhão, debaixo de árvores, dentro da sala de aula, na sala de leitura. Esses diferentes contextos chamam aatenção das crianças”. (Coordenadora Clara)

A contação de histórias pode e deve ser realizada nos variados locais disponíveis pela instituição. Criança gosta de novidade. Kraemer (2008) lembra que os momentos em que a criança ouve uma história devem ser transformados em momentos de encanto, magia, fantasia e imaginação, elementos que tornam a história inesquecível.

Outra questão indagada referia-se a organização das atividades, ou seja, se no planejamento pedagógico reservava-se um tempo para se pensar no desenvolvimento dessa atividade. A coordenadora respondeu afirmativamente, relatando que as professoras estão sempre procurando histórias infantis que tenhamalguma relação com o que estão trabalhando com as crianças. Então, respondeu da seguinte forma:

“Elas realizam através, por exemplo, do tema dasemana, digamos que o tema seja comunidade, aíelas buscam uma história para falar sobre a comunidade, até mesmo uma contação oral, através de uma conversa, eles já criam aquela história.”

(Coordenadora Clara)

Toda realização de uma atividade requer planejamento. Então, ao se pensar em contar histórias, o professor deve escolher o texto, avaliar se este motivará as crianças. (KRAEMER, 2008). Esta ação pedagógica requer reflexão e o professor faz isto planejando, contando com a troca de experiências com os demais profissionais da área.

Ao indagar sobre os materiais que a escola dispõe para a realização desse trabalho de contação de histórias, a coordenadora aponta uma variedade de materiais que são utilizados para este fim:

“Temos fantoches, livros, uma maleta chamada maletadeleite, o avental da história, o tapete da história. Porqueas professoras contam história todos os dias e eles também querem contar. E eles contam a história vendo o livro, e contam só olhando as gravuras, porque eles não sabemler... eles contam só olhando.” (Coordenadora Clara)

Os recursos materiais são importantes para tornar o momento da contação de histórias mais divertidos por chamarem a atenção das crianças. Quanto às diversas formas de apresentação das histórias podem ser: simples narrativas, uma das mais fascinantes para Coelho (1991), citada por Silva (2007), pois existem livros que sua ilustração é tão rica quanto o próprio texto; com gravuras; com flanelógrafo; com desenhos. O professor deve

pensar seu fazer pedagógico, pesquisar, enfim, procurar ideias para fazer do momento de contação de histórias um momento de desenvolvimento das crianças em suas mais diversas possibilidades e potencialidades.

Quanto aos critérios utilizados para a escolha do conto a ser trabalhado com as crianças, a coordenadora mostra que a escolha pode ser feita através das próprias crianças, das suas vivências ou também partindo do está sendo estudado naquela ocasião. Afirmou que:

“Pode ser através dos temas ou da escolha das próprias crianças. Durante a contação de histórias, as crianças se expressam bastante. Elas contam uma história até mesmo do que aconteceu em sua casa... quando a criança tá contando sua história, o outro colega também presta atenção, se identifica, e já surgem outras histórias. Todos os dias são feitas leituras e contação de histórias.” (Coordenadora Clara)

Ao se preparar a atividade de contação de histórias, as narrativas para as crianças, deve-se respeitar as características existentes em cada fase, inclusive o estágio emocional dessas. É importante levar em conta “a quem e o ambiente onde se irá contar” (COELHO, 2001p.33).

Constatou-se, através desse contato com a coordenadora pedagógica, a importância atribuída à contação de histórias no cotidiano pedagógico da instituição, que é um recurso presente no planejamento pedagógico, contando com materiais específicos para a sua utilização. Assim, o momento reservado para a contação de uma história deve ser planejado pelo professor já que as histórias podem ser um grande aliado desse profissional em sua prática pedagógica na busca de possibilitar o desenvolvimento das crianças pequenas.

Coelho (2001) relata a respeito da história que “[...] A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.” (p.12), pensando nisto, podemos entender que a história contada envolve muitos sentimentos que mexem com os seus ouvintes, por isso não é neutra, pois ao ouvir ela está interferindo e influenciando na pessoa que a ouve. Haja vista que a criança irá ouvir uma história e se envolverá com os seus personagens ao se identificar com eles levando do fictício daquela história para a vida real, para sua própria vida e para isso Amarilha (1997) afirma que “através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa” (p.18). Sob essa perspectiva é que a criança irá experimentar e poderá viver temporariamente vários sentimentos dos personagens da história, podendo com isso ter suas experiências sem correr nenhum risco.

Mas esta chegará diferente para cada ouvinte, pois não provocará a mesma sensação nas pessoas que as ouvem, de acordo com Bussato (2003), “é a história da vida de cada um que determinará com que cores e com que música ela vai soar”. (p.18). Cada criança tem sua especificidade e apresenta necessidades diferentes das outras. É nessa perspectiva que a história irá alcançar cada criança de modo diferente permitindo a cada uma buscar para si aquilo que é necessário.

[...] é preciso levar a sério algo que provoca relevante impressão e exerce grande influencia sobre as crianças. Assim, os grupos de ouvintes foram se multiplicando, expandindo-se: filhos, sobrinhos, alunos, no aconchego do colo, na sala de aula, em bibliotecas, na praça pública – crianças rotas, descalças, crianças bem vestidas de shopping centers, crianças de creches, orfanatos, enfermos, incapacitados física ou mentalmente. Em todas essas crianças pude perceber o mesmo brilho nos olhos, o sorriso iluminado no rosto – “Conte de novo!”, “conte outra vez!” (COELHO, 2001, p.9)

Levando em consideração isto, a história deve ser levada a sério, pois exige cuidados, exercendo influências em todas as pessoas que a ouvem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar o uso da contação de histórias no trabalho pedagógico do professor e suas implicações para o desenvolvimento das crianças como leitoras. Diante da pesquisa efetuada, pode-se perceber que a contação de histórias traz contribuições significativas para o desenvolvimento da criança pequena e contribui para sua formação como leitora. Faz-se necessário garantir a vivência da contação de histórias no cotidiano infantil. A contação contribui para a organização do pensamento e das ideias da criança. Estimula estas a escrever, ler, ouvir de novo. É um instrumento fundamental para sua formação enquanto leitora.

A contação de histórias deve ser trabalhada no cotidiano de creches e pré-escolas e o professor atua como mediador desse processo de desenvolvimento da criança e da sua formação como leitora. Cabe ao professor, junto com as crianças criar espaços nesse cotidiano para as manifestações infantis, considerando os mais diversos tipos de linguagens, dentre elas, as histórias infantis, pois servem de apoio ao processo de desenvolvimento infantil.

Conhecendo e constatando a importância da contação de histórias para o desenvolvimento da criança não se pode improvisar este momento. Para que ocorra um bom aproveitamento é necessário que o contador crie um clima, conheça o texto e que saiba respeitar as particularidades e o estado emocional de quem vai ouvi-la. Quando o professor utiliza o recurso da contação de histórias está motivando as crianças a ouvir histórias, está suscitando a imaginação dos leitores. O papel do professor é fundamental enquanto mediador e exemplo de leitor. A contação de histórias deve ser utilizada pelo professor no cotidiano das creches e pré-escolas. É da parte do professor tornar o ambiente propício para a leitura.

Diante da pesquisa realizada, percebe-se que o professor deve estar consciente que contar histórias para crianças não é só propor uma aprendizagem. É propor que as crianças se tornem leitoras, andando por um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

Contar histórias para crianças é sempre ensejar que elas possam se divertir com situações vividas pelos personagens, com as ideias de um conto, e então ser um pouco cúmplice do momento. É também suscitar o imaginário e até solucionar questões que incomodam o ser humano durante a infância (como os personagens o fizeram).

O professor tem em suas mãos a tarefa de propor ao aluno situações de aprendizagens para a construção do conhecimento.

Entende-se que trabalhar a contação de histórias é abrir as cortinas do mundo para quem busca a construção do ser como sujeito de uma sociedade. O professor ler para que seus alunos possam ser possuídos pelo texto, e assim, se apaixonem pelas histórias infantis. Ao trabalhar projetos que privilegiem a literatura infantil nas escolas, possibilita-se a emancipação do ser pelo saber.

E para que seja descoberto este prazer, pode-se usar contos de fadas, as fábulas, lendas e até histórias em quadrinhos. Com este repertório, a criança pode escolher o que tem mais afinidade. É possível aos pais, avós e professores perceber que contar histórias é necessário, pois esse momento se converte em um precioso instrumento promotor do desenvolvimento infantil.

A contação de histórias, quando trabalhada de forma adequada, contribui para que as crianças desenvolvam e ampliem habilidades essenciais para sua vida pessoal. Esta é indiscutivelmente uma prática digna de ser utilizada pelos professores, valorizando a ideia que a criança, ao escutar histórias de seu interesse, é levada a fazer associações e relações desta com fatos e situações do cotidiano, percebe-se que o ato de contar histórias possibilita que a mesma tenha uma maior e melhor compreensão do mundo. Isto facilitará e proporcionará a ela o desempenho de papéis sociais de forma autônoma e crítica.

A partir da pesquisa de campo efetuada, foi possível identificar através das entrevistas com a coordenadora pedagógica e com as professoras que elas reconhecem a importância da utilização da contação de histórias no trabalho pedagógico efetuado com as crianças pequenas. Analisando os resultados da pesquisa, constatou-se que a atividade de contação de histórias é utilizada com frequência pelas professoras, estas foram unânimes em ressaltar a importância da utilização desse recurso para o desenvolvimento da linguagem da criança: As duas professoras ao serem indagadas sobre o fato da contação de histórias ser um recurso importante para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças pequenas, ressaltaram ser um recurso positivo, pois ao ouvir histórias as crianças imaginam e a partir daí participam conversando, escrevendo, desenhando e dando vida a tudo o que foi escutado.

As duas professoras ressaltaram que o papel do professor na contação de histórias é o de mediador, que deve conduzir este momento interagindo, motivando, fazendo com que as crianças participem, contando e recontando, revivendo o que ouviram. Também afirmaram que há um interesse e envolvimento significativo das crianças quando elas trabalham com a contação de histórias.

A coordenadora confirma a importância da contação de histórias para o desenvolvimento das crianças e da importância de realizar essa atividade no cotidiano escolar. Esta afirma que há incentivo na instituição para que a atividade de contação de histórias seja realizada com êxito e destaca que há vários locais que são disponibilizados para a realização desta atividade. Relatou que há o cuidado por parte das professoras em planejar as atividades de contação, visando a aprendizagem e a motivação das crianças. Nestes momentos de planejamento procuram conciliar temas, projetos e materiais diversificados, tornando a atividade prazerosa e cheia de aprendizagens.

Percebeu-se que, para as crianças, ouvir uma história é um momento especial de atenção total. O acesso das crianças à literatura infantil favorece o raciocínio no sentido de imaginar, criar situações para as personagens no momento da contação. Assim, quando ouvem uma história, as crianças têm oportunidade de conhecer um universo diferente do seu dia a dia, de descobrir coisas ainda desconhecidas.

Com tal análise, foi possível constatar que através dos autores estudados e das concepções das participantes dessa investigação, que o ato de contar histórias é, sem dúvida, uma atividade que oportuniza a formação das crianças como leitoras. No entanto, tal aprendizado não pode acontecer de forma mecânica e externa, mas sim de forma partilhada dando condições para que a criança participe, interaja e que o professor seja um mediador deste processo favorecendo o desenvolvimento das crianças.

Dessa forma, constatada a importância da história para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento e a sua formação como leitora, faz-se necessário resgatar o repertório de histórias infantis, uma vez que essas também constituem em rica fonte de informação cultural, de como lidar com as emoções, contribuindo na construção da subjetividade das crianças.

Tem-se em mente que o estudo possibilitou responder a certas perguntas, a partir de um olhar específico da pesquisadora, o que não encerra as questões que aqui foram tratadas. Novas perguntas surgem e novas investigações serão necessárias, como em todo trabalho científico.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1995.

_____. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as Fadas? – Literatura Infantil e Prática Pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ARAUJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto aumenta um ponto**. 201f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.

BASTOS, Marbênia Gonçalves Almeida. **Formação de professores para o diagnóstico das dificuldades de leitura e de escrita**. Fortaleza: EDUECE, 2003.

BENCINI, R. Era uma vez... O maravilhoso mundo dos contos de fadas e seu poder de formar leitores. **Revista Nova Escola**. São Paulo, nº. 185, p. 52 – 54, Setembro/2005.

BERNARDO, P. P. A mitologia criativa e o olhar. In: ARCURI, Irene. **Arte terapia de Corpo e Alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BETTELLHEIM, B. **Psicanálise dos contos de fadas**. 9. ed. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BOGDAN, Roberto C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Editora, LDA. 1998.

BRADLEY, Jana. Methodological issues and practices in qualitative research. *Library Quarterly*, v. 63, n. 4, p. 431- 449,. Oct. 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª E 2ª Série**. Brasília: SEF/MEC, 1997.

BUSATTO, C. **Contar e encantar: Pequenos Segredos da Narrativa**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2003.

COELHO, Betty. **Contar histórias - uma arte sem idade**. São Paulo: Ática. 2001.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5 ed.[ver.] – São Paulo: Saraiva, 2006.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOLLANDA, Mônica Petralanda de. **Formação em contexto de professoras da educação infantil: um estudo de caso**. 297f.[tese]- Fortaleza: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, 2007.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss. Objetiva, 2009.

<http://meuartigo.brasilecola.com/educação/aimportanciadaliteraturainfantilparaodesenvolvimentodacrianca-meuartigobrasil>. Acesso em: 19 fev. 2012.

<http://revistaescola.abril.com.br/aartedoscontadoresdehistorias.acessadoem24demaiode2012>

KAERCHER, Gládis E. Pereira da Silva ET alii. Convivendo com crianças. In: CRAIDY, Carmem M. **O educador de todos os dias: convivendo com crianças de 0 a 6 anos**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KAPLAN, Bonnie; DUCHON, Dennis. **Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: a case study.** Mis Quarterly, v. 12, n. 4. P. 571 – 586, DEC. 1988.

KRAEMER, Maria Luiza. **Histórias infantis e o lúdico encantam as crianças:** atividades lúdicas baseadas em clássicos da literatura infantil. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira. História&Histórias.** São Paulo: Ática, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2004.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa Educacional: O prazer de conhecer.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Editora Cortez, 2007.

PATTON, Michael Q. **Qualitative evaluation methods.** Beverly Hills, CA: Sage, 1980. 381P.

PIRES, Diléa Helena de Oliveira. "Livro...eterno livro... V. 14" In: **Releitura.** Belo Horizonte: março de 2000.

POEYS, Bernadete Gama Gomes. **A contribuição dos contos infantis no processo de ensino-aprendizagem para crianças de 04 a 06. Anos.** 125f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro. 2007.

QUITANA, Mário. **Lili inventa o mundo.** Porto Alegre: mercado aberto, 1991.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, 2011.

REVISTA NOVA ESCOLA. Ed. Brasil S/A. nº 251. Abril, 2012. P. 68-69.

SANDRONI, L.C.; MACHADO, L.R.(orgs). **A criança e o livro: Guia prático de estímulo à leitura.** 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1998.

SCAPATICIO, Márcia. Ler é diferente de contar histórias. **Revista Nova Escola.** São Paulo, nº 251, p. 68-69, Abril/2012.

SILVA, Maria Socorro. **Quem conta um conto aumenta um ponto? Literatura infantil e oralidade.**179f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE. 2007.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.**2. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida da Silva. **A arte de contar histórias: um recurso didático para a formação de leitores.** 126f.Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2009.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e de contar histórias.** Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

TRAÇA, M. E. **O fio da memória- do conto popular ao conto para crianças.** Lisboa (Portugal): Porto Editora, 1992.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.**São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e Linguagem.**São Paulo: Martins Fontes,2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

ANEXOS

ANEXO 01 – QUESTIONÁRIO

--	--	--	--	--	--

FÓRUM DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO CEARÁ

MAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CEARÁ

Roteiro para caracterização da Instituição de educação infantil

Data da aplicação: ___/___/___

Aplicado por: _____

Respondido por: _____
(_____)**1. Identificação**

- 1.1. Nome: _____
- 1.2. Endereço: _____
- 1.3. Localidade ou distrito: _____ Município: _____
- 1.4. TELEFONE _____ E-mail: _____
- 1.5. Tempo de funcionamento: _____
- 1.6. Tipo de instituição 1.Pública 2.Particular 3.Conveniada 4.Filantrópica
5.Confessional
- 1.7. Cobra taxa ou mensalidade 1.Não 2.Sim 3.Às vezes
- 1.8. Etapas e modalidades de ensino que funcionam na instituição:
1.Creche 2.Pré-Escola 3.Ensino Fundamental 4.Ensino Médio 5.EJA 6.Aceleração
- 1.9. Atende alunos com necessidades especiais 1.Não 2.Sim
- 1.10. Número total de alunos por instituição: _____
- 1.11. Número total de crianças na Educação Infantil: _____

2. Funcionamento**2.1. Horário(s) de funcionamento da Educação Infantil:**

Manhã:	de _____ às _____ horas
Tarde:	de _____ às _____ horas
Intermediário:	de _____ às _____ horas
Período integral:	de _____ às _____ horas

2.2. Agrupamentos:

DENOMINAÇÃO	CARACTERÍSTICAS DOS AGRUPAMENTOS				
	Faixa etária	Número de crianças por turno	Número médio de crianças no agrupamento	Quantidade de professores/monitores no agrupamento (indicar a denominação)	Quantidade de auxiliar/ outro profissional (indicar a denominação)

2.5. Atividades complementares (indique a frequência da atividade oferecida):

2.5.1. Oficina de artes plásticas: 1. Nunca 2. Sempre 3. Às vezes

2.5.2. Oficina de música: : 1. Nunca 2. Sempre 3. Às vezes

2.5.3. Aula de esportes (natação, capoeira, etc.): : 1. Nunca 2. Sempre 3. Às vezes

2.5.4. Aula de dança (balé, jazz, etc.): 1. Nunca 2. Sempre 3. Às vezes

2.5.5. Outra: _____ 2. Sempre 3. Às vezes

2.6. Outros serviços oferecidos:

2.6.1. Assistência médica: 1. Não 2. Sim

2.6.2. Assistência odontológica: 1. Não 2. Sim

2.6.3. Assistência psicológica: 1. Não 2. Sim

2.6.4. Outro atendimento especializado: _____

3. Instalações e equipamentos

3.1 Espaços externos (assinale o que tem e informe o estado de conservação)

3.1.1 parquinho: 1. Não 2. Sim

3.1.1.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado

3.1.1.2. Quantidade de brinquedos: 1. Boa 2. Razoável 3. Insuficiente

3.1.2. Espaço livre com área sombreada: 1. Não 2. Sim

3.1.2.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado

3.1.3. Espaço livre sem área sombreada: 1. Não 2. Sim

3.1.3.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado

3.1.4. Horta: 1. Não 2. Sim

3.1.4.1. . Conservação: 1. Bem conservada 2. Razoavelmente conservada 3. Mal conservada

3.1.5. Pavilhão: 1. Não 2. Sim

3.1.5.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado

3.1.6. Tanque de areia: 1. Não 2. Sim

3.1.6.1. . Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado

3.1.7. Outro: _____

3.1.7.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado

3.1.8. O acesso às dependências foi projetado para pessoas com deficiências físicas? 1. Não 2. Sim

3.2. Dependências internas:

3.2.1. Berçário: 1. Não 2. Sim

3.2.1.1. Área: _____ m²

3.2.1.2. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado

3.2.1.3. Iluminação natural: 1. Adequada 2. Inadequada

3.2.1.4. Ventilação natural: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável

3.2.1.5. Limpeza: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável

3.2.1.6. Insolação: 1. Normal 2. Excessiva

3.2.1.7. As crianças dormem em: 1. redes 2. Berços 3. Colchonetes 4. Panos 5. Outros _____

3.2.1.8. Área livre para a circulação das crianças: _____ m²

3.2.2. Salas de aula: 1. Não 2. Sim

3.2.2.1. Quantas? _____

3.2.2.2. Área (média): _____ m²

3.2.2.3. 1. Bem conservada 2. Razoavelmente conservadas 3. Mal conservadas

3.2.2.4. Iluminação natural: 1. Adequada 2. Inadequada

3.2.2.5. Ventilação natural: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável

3.2.2.6. Limpeza: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável

3.2.2.7. Insolação: 1. Normal 2. Excessiva

3.2.2.8. Área livre para a circulação das crianças: _____ m²

- 3.2.3. Dormitório: 1.Não 2. Sim
- 3.2.3.1. Quantos? _____
- 3.2.3.2. (média): _____ m²
- 3.2.3.3. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado
- 3.2.3.4. Iluminação natural: 1. Adequada 2. Inadequada
- 3.2.3.5. Ventilação natural: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.3.6. Limpeza: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.3.7. Insolação: 1. Normal 2. Excessiva
- 3.2.3.8. As crianças dormem em: 1.redes 2.Berços 3. Colchonetes 4. Panos 5. Outros_____
- 3.2.4. Biblioteca/ sala de leitura: 1.Não 2. Sim
- 3.2.4.1. 1. Bem conservada 2. Razoavelmente conservada 3. Mal conservada
- 3.2.4.2. Iluminação natural: 1. Adequada 2. Inadequada
- 3.2.4.3. Ventilação natural: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.4.4. Limpeza: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.5. Banheiros para crianças: 1.Não 2. Sim
- 3.2.5.1. Conservação: 1. Bem conservados 2. Razoavelmente conservados 3. Mal conservados
- 3.2.5.2. Iluminação natural: 1. Adequada 2. Inadequada
- 3.2.5.3. Ventilação natural: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.5.4. Limpeza: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.5.5. Quantidade de banheiro para as crianças:_____
- 3.2.5.6. Quantidade total de sanitários para crianças em toda a instituição;_____
- 3.2.5.7. Sanitários adequados para as crianças: 1.Não 2. Sim 3. Uma parte dos sanitários
- 3.2.5.8. pisos adequados (antiderrapantes): 1.Não 2. Sim
- 3.2.5.9. Quantidade total de chuveiros para as crianças:_____
- 3.2.6. Banheiros para os adultos: 1.Não 2. Sim
- 3.2.6.1. Conservação: 1. Bem conservados 2. Razoavelmente conservados 3. Mal conservados
- 3.2.6.2. Iluminação natural: 1. Adequada 2. Inadequada
- 3.2.6.3. Ventilação natural: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.6.4. Limpeza: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.6.5. Tem chuveiro? 1.Não 2. Sim
- 3.2.6.6. Tem adaptação para o uso das crianças? 1.Não 2. Sim
- 3.2.6.7. São separados por sexo? 1.Não 2. Sim
- 3.2.7. Refeitório: 1.Não 2. Sim
- 3.2.7.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado
- 3.2.7.2. Iluminação natural: 1. Adequada 2. Inadequada
- 3.2.7.3. Ventilação natural: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.7.4. Limpeza: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.8. Cozinha: 1.Não 2. Sim
- 3.2.8.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado
- 3.2.8.2. Iluminação natural: 1. Adequada 2. Inadequada
- 3.2.8.3. Ventilação natural: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.8.4. Limpeza: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.9. Despensa: 1.Não 2. Sim
- 3.2.9.1. Conservação: 1. Bem conservada 2. Razoavelmente conservada 3. Mal conservada
- 3.2.9.2. Iluminação: 1. Adequada 2. Inadequada
- 3.2.9.3. Ventilação: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.9.4. Limpeza: 1 .Boa 2. Ruim 3. Razoável
- 3.2.10. Lactário: 1.Não 2. Sim

- 3.2.10.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado
 3.2.10.2. Iluminação: 1. Adequada 2. Inadequada
 3.2.10.3. Ventilação: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável
 3.2.10.4. Limpeza: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável

- 3.2.11. Pátio interno: 1. Não 2. Sim
 3.2.11.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado
 3.2.11.2. Iluminação: 1. Adequada 2. Inadequada
 3.2.11.3. Ventilação: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável
 3.2.11.4. Limpeza: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável
 3.2.11.5. Área _____ m²

- 3.2.12. Brinquedoteca: 1. Não 2. Sim
 3.2.12.1. Conservação: 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado
 3.2.12.2. Iluminação: 1. Adequada 2. Inadequada
 3.2.12.3. Ventilação: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável
 3.2.12.4. Limpeza: 1. Boa 2. Ruim 3. Razoável
 3.2.12.5. Área _____ m²
 3.2.13. Outros espaços internos: _____

- 3.3. Extintor de incêndio: 1. Não 2. Sim
 3.3.1. Fica em local acessível? 1. Não 2. Sim
 3.3.2. Está no prazo de validade? 1. Não 2. Sim

3.4. Água para as necessidades de brincadeiras, cozinha, limpeza, etc. 1. Não 2. Sim 3. Nem sempre

- 3.5. Água consumida pelas crianças:
 3.5.1. É tratada: 1. Não 2. Sim
 3.5.2. Origem da água consumida: 1. Cacimba 2. Poço 3. Açude/rio 4. Água encanada

3.6. Poluição na instituição ou proximidades: 1. Sonora 2. Visual 3. Ambiental

3.7. Saneamento: a instituição dispõe de: 1. Rede de esgoto 2. Fossa 3. Esgoto a céu aberto

- 3.8. Equipamentos: (assinale o que tem e informe o estado de conservação)
 3.8.1. Fotocopiadora (Xerox): 1. Não 2. Sim 3. Bem conservada 4. Razoavelmente conservada 5. Mal conservado
 3.8.2. Computador: 1. Não 2. Sim 3. Bem conservada 4. Razoavelmente conservada 5. Mal conservado
 3.8.3. Aparelho de som: 1. Não 2. Sim 3. Bem conservada 4. Razoavelmente conservada 5. Mal conservado
 3.8.4. TV: 1. Não 2. Sim 3. Bem conservada 4. Razoavelmente conservada 5. Mal conservado
 3.8.5. Videocassete: 1. Não 2. Sim 3. Bem conservado 4. Razoavelmente conservado 5. Mal conservado
 3.8.6. Outros: _____ 1. Bem conservado 2. Razoavelmente conservado 3. Mal conservado

- 3.9. material didático: (Assinale o que tem e informe a opinião do entrevistado sobre a quantidade)
 3.9.1. Lápis de cores: 1. Não 2. Sim: 3. Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente
 3.9.2. Lápis de cera: 1. Não 2. Sim: 3. Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente
 3.9.3. Tinta guache: 1. Não 2. Sim: 3. Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente

- 3.9.4. Papel ofício: 1.Não 2.Sim: 3.Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente
- 3.9.5. Outro tipos de papeis: 1.Não 2.Sim: 3.Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente
- 3.9.6. Cola branca: 1.Não 2.Sim: 3.Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente
- 3.9.7. Massinha ou argila: 1.Não 2.Sim: 3.Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente
- 3.9.8. Tesoura: 1.Não 2.Sim: 3.Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente
- 3.9.9. Jogos didáticos: 1.Não 2.Sim: 3.Em quantidade suficiente 4. Em quantidade insuficiente
- 3.9.10. Outros: _____ 1.Em quantidade suficiente 2. Em quantidade insuficiente
- 3.10. Brinquedos: (assinale o que tem e informe a sua opinião sobre a quantidade e o estado de conservação):
- 3.10.1. Brinquedos para bebês: 1.Não 2.Sim
- 3.10.1.1. Quantidade: 1.Suficiente 2. Insuficiente
- 3.10.1.2. Conservação: 1. Bem conservados 2. Razoavelmente conservados 3. Mal conservados
- 3.10.2. Brinquedos para crianças de 02 a 04 anos: 1.Não 2.Sim
- 3.10.2.1. Quantidade: 1.Suficiente 2. Insuficiente
- 3.10.2.2. Conservação: 1. Bem conservados 2. Razoavelmente conservados 3. Mal conservados
- 3.10.3. Brinquedos para crianças de 04 a 05 anos: 1.Não 2.Sim
- 3.10.3.1. Quantidade: 1.Suficiente 2. Insuficiente
- 3.10.3.2. Conservação: 1. Bem conservados 2. Razoavelmente conservados 3. Mal conservados
- 3.11. Baú/ caixa com fantasias: 1.Não 2.Sim
- 3.11.1. Quantidade: 1.Suficiente 2. Insuficiente
- 3.11.2. Conservação das fantasias: 1. Bem conservadas 2. Razoavelmente conservadas 3. Mal conservadas
- 3.12. Cantinho da dramatização (faz de conta): 1.Não 2.Sim
- 3.12.1. Quantidade de brinquedos: 1.Suficiente 2. Insuficiente
- 3.12.2. Conservação dos brinquedos: 1. Bem conservadas 2. Razoavelmente conservadas 3. Mal conservadas
- 3.13. Livros: (assinale o que tem, e a opinião do entrevistado sobre a quantidade e a qualidade dos livros)
- 3.13.1. Literatura para crianças menores (até 3 anos) 1.Não 2.Sim
- 3.13.1.1. Quantidade: 1.Suficiente 2. Insuficiente
- 3.13.1.2. Conservação: 1. Bem conservados 2. Razoavelmente conservados 3. Mal conservados
- 3.13.1.3. Qualidade: 1. Boa qualidade 2. Razoável qualidade 3. Má qualidade
- 3.13.2. Literatura para crianças maiores (4 a 5 anos): 1.Não 2.Sim
- 3.13.2.1. Quantidade: 1.Suficiente 2. Insuficiente
- 3.13.2.2. Conservação: 1. Bem conservados 2. Razoavelmente conservados 3. Mal conservados
- 3.13.2.3. Qualidade: 1. Boa qualidade 2. Razoável qualidade 3. Má qualidade
- 3.13.4. Livros/revistas para consulta dos professores: 1.Não 2.Sim
- 3.13.4.1. Quantidade: 1.Suficiente 2. Insuficiente
- 3.13.4.2. Conservação: 1. Bem conservados 2. Razoavelmente conservados 3. Mal conservados
- 3.13.4.3. Qualidade: 1. Boa qualidade 2. Razoável qualidade 3. Má qualidade
- 3.14. Espelho grande, na altura das crianças 1.Não 2.Sim
- 3.15. Instrumentos musicais 1.Não 2.Sim Quais? _____
-

3.16. Animais? 1.Não 2.Sim Quais? _____

4. Pessoal

4.1. processo de seleção

4.1.1. Como é divulgada a necessidade de funcionários? 1. Pedindo para os funcionários divulgarem
2. Cartazes na instituição 3. Cartazes na comunidade 4. Anúncio no rádio ou jornal

4.1.2. Como é o processo de seleção para professores? 1. Concurso público 2. Indicação 3. Prova Escrita 4. Entrevista 5. Análise de currículo 6. Outra: _____

4.1.3. Qual a escolaridade mínima exigida para a admissão de professoras? 1. Ensino Fundamental
2. Ensino Médio 3. Ensino Médio na modalidade normal 4. Curso Superior 5. Curso de Pedagogia

4.1.4. Qual a exigência de escolaridade mínima para as auxiliares da sala? 1. Ensino Fundamental
2. Ensino Médio 3. Ensino Médio na modalidade normal 4. Curso Superior 5. Curso de Pedagogia

4.1.5. Qual a exigência de escolaridade mínima para coordenadores pedagógicos? 1. Ensino Fundamental
2. Ensino Médio 3. Ensino Médio na modalidade normal 4. Curso Superior 5. Curso de Pedagogia 6. Curso de Especialização

4.2. Quadro:

função	Nº	ATRIBUIÇÕES (indicar o que faz normalmente e também o que pode ser Chamado a fazer)	ESCOLARIDADE	REMUNERAÇÃO (indicar também a quantidade de horas semanais)	TEMPO MÉDIO NA INSTITUIÇÃO (em anos)
diretor					
coordenador					
supervisor					
professor					
faxineira					
cozinheira					
vigia					

psicólogo					
nutricionista					
outros					

5. Proposta Pedagógica

5.1. Quais os objetivos da instituição? _____

5.2. Como acredita que a criança aprende e se desenvolve? _____

5.3. Como é realizada a avaliação da criança? _____

5.4. Como é realizada a avaliação do trabalho desenvolvido pela instituição? _____

5.5. A instituição possui uma proposta pedagógica escrita? 1.Não 2.Sim

5.6. Por quem foi elaborada? _____

5.7. O que mais facilita a sua implantação? _____

5.8. E o que mais dificulta? _____

5.9. Os professores trabalham por: 1.Área 2. |Disciplina 3. Projetos

6. Acompanhamento pedagógico e formação continuada

6.1. Como é feito o acompanhamento pedagógico dos professores? 2 linhas

6.2. Há reuniões com o coletivo de professores? 1.Sim 2.Não

6.2.1. Com que objetivo? _____

6.2.2. Qual a frequência? 1.Semanal 2.Quinzenal 3.Mensal 4.Bimestral 5.Outra: _____

6.2.2. Quem coordena essa reunião? 1. A diretora 2.A coordenadora pedagógica 3. A supervisora
4.Uma professora 5.Outra pessoa: _____

6.3. Há formação continuada? 1.Sim 2.Não

6.3.1. Como a formação continuada acontece? - _____

7. Relação com as famílias

7.1. Qual a classe social da maioria das crianças que frequentam a instituição?

1.Rica 2.Classe média 3.Pobre 4. Miserável

7.2. Por que as famílias procuram esta instituição? 2 linhas

7.3. São atendidas crianças com deficiências físicas ou mentais? 1.Não 2.Sim

7.3.1. Por quê? 2 linhas

7.3.2. No caso de não atendimento, a criança é encaminhada para algum atendimento/serviço? 1.Não
2.Sim Qual? _____

7.4. Há reuniões com as famílias? 1.Não 2.Sim

7.4.1. Com que frequência? 1.Quinzenal 2.Mensal 3.Bimestral 4.Semestral 5.Anual

- 7.4.2. Qual o objetivo mais comum para essas reuniões? _____
- 7.4.3. Como é a presença das famílias? 1.A maioria comparece 2.cerca de metade comparece
3.poucos comparecem

ANEXO 02 – ROTINA DA INSTITUIÇÃO

ROTINA DIÁRIA – Crianças de 4 anos

HORÁRIO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
7:00 às 7:10	Chegada Acolhida geral	Chegada Acolhida geral	Chegada Acolhida geral	Chegada Acolhida geral	Chegada Acolhida geral
7:10 às 7:30	Boas vindas em Sala Chamada	Boas vindas em Sala Chamada	Boas vindas em Sala Chamada	Boas vindas em Sala Chamada	Boas vindas em Sala Chamada
7:30 às 7:40	Correção da atividade de casa	Correção da atividade de casa	Correção da atividade de casa	Correção da atividade de casa	Correção da atividade de casa
7:40 às 8:10	Hora da conversa	Hora da conversa	Hora da conversa	Hora da conversa	Hora da conversa
8:10 às 8:50	Linguagem Oral e Escrita	Matemática	Linguagem Oral e Escrita (sala de Vídeo)	Linguagem Oral e Escrita	Matemática
8:50 às 9:00	Lavar as mãos	Lavar as mãos	Lavar as mãos	Lavar as mãos	Lavar as mãos
9:00 às 9:30	Lanche Recreio	Lanche Recreio	Lanche Recreio	Lanche Recreio	Lanche Recreio
9:30 às 9:40	Repouso	Repouso	Repouso	Repouso	Repouso
9:40 às 10:00	Matemática	Linguagem Oral e Escrita (Sala de Leitura)	Matemática	Brinquedoteca Banho	Linguagem Oral e Escrita
10:00 às 10:30	Artes	Música	Movimentos (sala)		Movimento no pavilhão
10:30 às 10:50	Atividade de Casa	Atividade de Casa	Atividade de Casa	Atividade de Casa	Atividade de Casa

OBS: Hora da conversa – Desenvolvimento dos conteúdos de Sociedade e Cultura e Ciências da Natureza;

O banho acontece uma vez por mês. Nas demais semanas o aluno vai para a brinquedoteca.

ROTINA DIÁRIA – Crianças de 5 anos

HORÁRIO	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
7:00 às 7:10	Chegada Acolhida Geral (Música)	Chegada Acolhida Geral (Hino)	Chegada Acolhida Geral (Oração)	Chegada Acolhida Geral Música)	Chegada Acolhida Geral (Oração)
7:10 às 7:30	Boas vindas em Sala Chamada	Boas vindas em sala Chamada	Boas vindas em Sala Chamada	Boas vindas em Sala Chamada	Boas vindas em Sala Chamada
7:30 às 7:40	Correção da atividade de casa	Correção da atividade de casa	Correção da atividade de casa	Correção da atividade de casa	Correção da atividade de casa
7:40 às 8:10	Hora da conversa	Hora da conversa	Hora da conversa	Hora da conversa	Hora da conversa
8:10 às 8:50	Linguagem Oral e Escrita (sala De leitura)	Linguagem Oral e Escrita	Linguagem Oral e Escrita	Matemática	Linguagem Oral e Escrita
8:50 às 9:00	Lavar as mãos	Lavar as mãos	Lavar as mãos	Lavar as mãos	Lavar as mãos
9:00 às 9:30	Lanche Recreio	Lanche Recreio	Lanche Recreio	Lanche Recreio	Lanche Recreio
9:30 às 9:40	Repouso	Repouso	Repouso	Repouso	Repouso
9:40 às 10:00	Matemática	Brinquedoteca Banho	Matemática	Linguagem Oral e Escrita (sala de Vídeo)	Matemática
10:00 às 10:30	Artes		Movimentos no pavilhão	Música	Movimento (em sala)
10:30 às 10:50	Atividade de Casa	Atividade de Casa	Atividade de Casa	Atividade de Casa	Atividade de Casa

OBS: Hora da conversa – Desenvolvimento dos conteúdos de Sociedade e Cultura e Ciências da Natureza;

O banho acontece uma vez por mês. Nas demais semanas o aluno vai para a brinquedoteca.

ANEXO 03 – FOTOS DA BIBLIOTECA E DOS CANTINHOS DE LEITURA



Fig. 01 - Biblioteca
anos



Fig. 02 – Cantinho de leitura das crianças de 4



Fig.03 – cantinho de leitura das crianças de 5 anos



Fig. 04 - Biblioteca



Fig.05 – Biblioteca

ANEXO 04 – DECLARAÇÃO DO REVISOR DE TEXTO**DECLARAÇÃO**

Eu, **Fabiana Martins de Sousa Fernandes**, RG 920180353-20, graduada em Letras – português UECE declaro, para os devidos fins, ter realizado a correção ortográfica e gramatical bem como a formatação, de acordo com o Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará (UFC), da monografia intitulada: **"Contação de histórias na Educação Infantil: Uma prática necessária"**, de autoria de **Brígida Sales Moreira Neta**, aluna regularmente matriculada no Curso de Especialização em Educação Infantil, oferecido pela Faculdade de Educação/UFC.

Fabiana Martins de Sousa Fernandes
Telefone: (88) 9952 7498
Tauá - Ceará, 14 de fevereiro de 2013

APÊNDICES

APÊNDICE 01 -ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo: () Masculino () Feminino

2. Nível de escolaridade

() Ensino Médio.

() Superior incompleto

() Superior completo

() Pós graduação

Em qual instituição? Em que ano?

Renda Familiar: _____SM

3. Há quanto tempo exerce função no magistério? E na Educação Infantil?

2. CONTAÇÃO E RECONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- Na sua opinião, a contação de histórias deve estar presente no cotidiano de creches e pré-escolas? Com que frequência? Justifique a sua resposta.

- Na sua concepção, quais são as habilidades que a contação de histórias pode desenvolver na criança? Para que contar histórias na Educação Infantil?

- Você considera a contação de histórias como um recurso importante para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças pequenas? Por quê?

- Como a contação de histórias deve ser trabalhada na prática pedagógica do professor da Educação Infantil?

-Qual é o papel do professor na contação de histórias? Como ele deve conduzir a contação e a recontação de histórias?

-Na sua sala, com que frequência suas crianças entram em contato com os livros de histórias?

- Quais os tipos de histórias que suas crianças mais gostam?

- Que recursos você costuma utilizar para contar histórias?

- Você costuma contar histórias para suas crianças? Por quê? Com que frequência? Como? Qual é o seu papel? E quanto à recontação de histórias?

- Como você percebe e avalia o envolvimento das crianças ao trabalhar a contação de histórias?

- Relate uma experiência exitosa ao desenvolver uma atividade de contação de histórias.

**APÊNDICE 02 -ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COORDENADORA
PEDAGÓGICA**

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo: () Masculino () Feminino

2. Nível de escolaridade

() Ensino Médio.

() Superior incompleto

() Superior completo

() Pós graduação

Em qual instituição? Em que ano?

Renda Familiar: _____SM

3. Há quanto tempo exerce função no magistério? E na Educação Infantil?

2. CONTAÇÃO E RECONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

- Há incentivo por parte da instituição para que a atividade de contação de histórias seja valorizada com êxito?

- Na organização das atividades, ou seja, no planejamento, se reserva um tempo para se pensar no desenvolvimento dessa atividade?

- Que materiais a escola dispõe para a realização desse trabalho?

- Quais critérios são utilizados para a escolha do conto a ser trabalhado com as crianças?